

<p><b>1ª oficina temática:</b> <b>A literatura como espaço de fruição</b></p>	<p>1ª atividade: Leitura e exploração da obra: “Malvina, a bruxa malvada”</p>	<p>Duração: 8 sessões de 60 min.</p>
<p><b>2ª oficina temática:</b> <b>Do poder da imaginação</b></p>	<p>2ª atividade: “Vamos salvar a Malvina” - escrita de receita com ingredientes muito especiais</p>	<p>Duração: 7 sessões de 60 min.</p>
<p><b>3ª oficina temática:</b> <b>A literatura como promotora da interculturalidade</b></p>	<p>1ª atividade: “Uma história cheia de cor” 2ª atividade: “Todos diferentes, todos iguais” - Laboratório de cores 3ª atividade: “Todos diferentes, todos iguais” - Construção de puzzle</p>	<p>Duração: 7 sessões de 60 min. Duração: 14 sessões de 60 min. Duração: 14 sessões de 60 min.</p>
<p><b>4ª oficina temática:</b> <b>Alinhavando os tecidos de todas as histórias</b></p>	<p>1ª atividade: Ateliê de costura 2ª atividade: “Tecendo novas histórias” - Ateliê de escrita criativa 3ª atividade: “Frederico”, um sonhador de palavras 4ª atividade: Mobiles com história - Dramatização das histórias tecidas</p>	<p>Duração: 14 sessões de 60 min. Duração: 14 sessões de 60 min. Duração: 7 sessões de 60 min. Duração: 7 sessões de 60 min.</p>
<p><b>5ª oficina temática:</b> <b>Ao encontro de um construtor de palavras</b> Encontro de autor: - Carla Maia de Almeida</p>	<p>Exploração das obras: “Não quero usar óculos” (1º e 2º anos) “O gato e a Rainha Só” (3º e 4º anos) Construção de gráficos com o nº de alunos que usam óculos (J.I. e 1º ano) Escrita de textos descritivos sobre os óculos que construíram (2º ano) Biografia da escritora (3º ano); Escrita de um novo desfecho para a história (4º ano) Dramatização do desfecho produzido Entrevista (4º ano)</p>	<p>----- ----- ----- ----- ----- -----</p>

## **Anexo E**

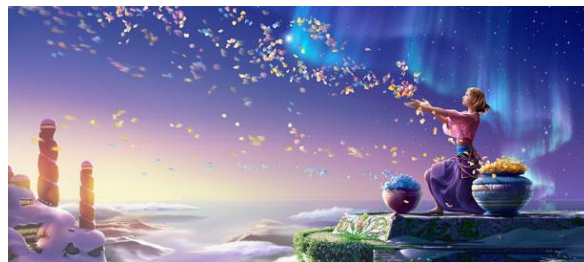
### **Canção para chamar a história**

Vou-te contar uma história,  
Agora atenção,  
Que começa aqui no meio,  
Na palma da minha mão.

Bem no meio tem uma linha,  
Que a liga ao coração,  
Que sabia desta história,  
Antes mesmo da canção.

Dá a tua mão, dá a tua mão, dá a tua mão...

(aqui se pede a mão aos alunos para que o fio das histórias se crie e passe do narrador para cada um dos alunos)



**Anexo F**

<p align="center"><b>Plano de ação da 1ª oficina – A literatura como espaço de fruição</b></p> <p><b>Duração: 60 minutos</b> <span style="float: right;"><b>Ano: 1º/2º/3º/4º anos de escolaridade</b></span></p>				
<p align="center"><b>ATIVIDADE 1 – “Malvina, a bruxa malvada”</b></p>				
<b>Conteúdos</b>	<b>Descritores de Desempenho</b>	<b>Percurso da sessão</b>	<b>Recursos Materiais</b>	<b>Avaliação</b>
Elementos paratextuais do livro	Identifica os elementos paratextuais do livro: <ul style="list-style-type: none"> <li>- capa:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- título;</li> <li>- ilustração;</li> <li>- autor;</li> <li>- ilustrador;</li> <li>- editora;</li> </ul> </li> <li>- contracapa;</li> <li>- guardas do livro</li> </ul>	<p>A dinamizadora iniciará a sessão com um diálogo introdutório justificando o motivo da presença dos alunos na biblioteca (a importância do livro e das histórias na nossa vida e a dinamização de uma série de sessões em torno de uma pedagogia que se quer ser de deslumbramento).</p> <p>Num segundo momento, a dinamizadora irá mostrar o livro aos alunos para que se possa proceder à exploração dos elementos paratextuais do mesmo. Iniciará a conversa indagando os alunos acerca do que veem, do tipo de personagem que a imagem lhes sugere, da forma como esta se apresenta, dos sentimentos que esta lhes provoca, do jogo de cores e tamanhos proporcionado, passando depois à exploração dos diferentes elementos do livro, entre eles, o título. Pretende-se desta forma mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os pré-conceitos que estes detêm acerca da personagem principal – uma bruxa, colocando-se posteriormente questões orientadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Que tipo de bruxa será esta?</li> <li>- Em que categoria se posicionará (bruxas boas ou bruxas más?)</li> <li>- Por que motivo a colocam numa ou noutra categoria?</li> <li>- Onde viverá esta bruxa?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro “Malvina, a bruxa malvada”, de Miguel Borges Silva</li> <li>- Computador</li> <li>- Projetor multimédia</li> <li>- Quadro branco</li> <li>- Folhas A4</li> <li>- lápis de cor</li> <li>- Caixinha de música</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atitudes</li> <li>- Comportamentos</li> <li>- Pertinência das intervenções</li> <li>- Sentido crítico</li> <li>- Empenho</li> </ul>

## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

Antecipação da história	Mobilizar conhecimentos prévios  Antecipar o conteúdo do texto com base nos elementos paratextuais	<p>- O que lhe terá acontecido (a ação principal da obra)?</p> <p>- Terá ela conseguido resolver o seu problema?</p> <p>Posteriormente, e estabelecido este diálogo questionador e reflexivo, ativador de conteúdos e da própria imaginação da criança, a dinamizadora pedirá aos alunos que, utilizando as informações de que dispõem, tentem adivinhar a história que o livro conta e assim a reproduzam oralmente. A dinamizadora pedir-lhes-á para que “brinquem” de ser autores e desta forma construam a sua própria versão da “Malvina, a bruxa malvada”.</p>		
Leitura recreativa	Ler livros de literatura para a infância e juventude	Terminada a fase de antecipação da história, a dinamizadora questionará os alunos acerca do desejo de conhecer a versão original da história e descobrir se a versão que criaram será muito diferente da do autor.		
Comparação de diferentes versões da mesma história	Participar na elaboração oral de uma história;	Alertados para o facto de terem de encontrar a chave para entrar no maravilhoso mundo das histórias, os alunos serão convidados a entoar uma canção para chamar a história e criar o fio que os ligará à mesma.		
Jogos Dramáticos:	Improvisar palavras, sons e atitudes, constituindo sequências de ações, situações recriadas a partir de uma obra.	De seguida, proceder-se-á à narração do texto em voz alta pela dinamizadora, acompanhada de exposição em PowerPoint da história.		
Linguagem verbal e gestual		Terminada a narração, iniciar-se-á um diálogo estimulando os alunos à comparação das duas versões da história, a construída por eles e a versão do autor, dissecando-se as diferenças e as aproximações entre ambas.		
		No final da atividade, ser-lhes-á pedido que dramatizem a história tentando recriar o ambiente da gruta e o feitiço que a Malvina lançou sobre si mesma. Trabalhar-se-á assim a metáfora presente no texto, e a lição que a Malvina recebeu, iniciando-se assim um debate em favor ou contra o castigo recebido. Apelar-se-á aqui às experiências, aos valores, aos conceitos de bem e mal dos alunos e à mobilização de conhecimentos que estes possuem acerca do Mundo, de si e do Outro.		

**Anexo G**



\*A bruxa Malvina – desenho de D., 6 anos



A bruxa Malvina transformada num peixe – desenho de H., 6 anos

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



\*Malvina proferindo as palavras do feitiço e enfeitando-se a si mesma – S., 6 anos



\*Malvina na gruta – D., 6 anos

## **Anexo H**

### **Reflexão das sessões dinamizadas**

#### **Da 1ª oficina... O desassossego, a agitação, a desatenção...**

Para o desenvolvimento da primeira sessão, quisemos que a obra de literatura escolhida fosse, ao mesmo tempo, educativa/ pedagógica mas também divertida e humorística, de forma a captar a atenção dos pequenos-grandes leitores.

Para isso, e tendo em conta que a maior parte dos alunos desta escola não tem por hábito ler e o livro enquanto objeto educativo é visto de forma pejorativa, procurou-se então que a escolha recaísse sobre uma obra que provocasse o riso, o divertimento, a leitura por prazer. Já Paulo Freire dizia que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Assim, e porque se aproximava o dia das bruxas e a maior parte dos alunos trabalhava o tema do Halloween nas aulas de Inglês, achamos por bem começar esta viagem com a obra “Malvina, a bruxa malvada”, de Miguel Borges Silva.

Esta obra, que apela ao lúdico e ao humorístico chega a roçar inclusive a linha do sarcástico quando, no final, a bruxa Malvina é transformada num peixe por um feitiço lançado por ela mesma, que não soube reconhecer o seu próprio eco na escura e húmida mina. Aqui, assiste-se ao culminar do velho provérbio quando se vira, literalmente, o feitiço contra o feiticeiro.

O facto de no final da história a bruxa ser castigada por ser vaidosa e ambiciosa foi suficiente para captar a atenção das crianças para esta história que ultrapassou as paredes da pequena Biblioteca da Escola de Aqualva nº3.

### **Operacionalização:**

Para dar início a estas sessões, que já haviam sido previamente combinadas com as colegas titulares de turma, pediu-se às mesmas que se deslocassem com os seus alunos ao espaço destinado ao funcionamento da biblioteca da Escola. Optámos por dinamizar as sessões na biblioteca, uma vez que estas atividades se desenvolvem na última hora de um horário letivo que os obriga a permanecer na escola das 9 horas da manhã às 17h30 da tarde, sem contar com as horas que muitos ainda passam nos ATL e Centros de Estudo. Por isso, e para que o desenvolvimento das sessões fosse possível e não interferisse com a prática pedagógica quer da Professora Titular quer dos Professores das Atividades de Enriquecimento Curricular, ficou acordado que estas atividades decorreriam então das 16h30 às 17h30, na biblioteca da escola.

A escolha do espaço deveu-se precisamente ao facto de os alunos passarem o dia inteiro dentro da sala de aula, e se pretendemos deslumbrar, achamos por bem adotar uma atitude e uma postura que rompam com o habitual, começando pelo espaço destinado à concretização de uma Pedagogia para o Deslumbramento, libertando os alunos do habitual e castrador espaço sala de aula.

Chegados à biblioteca e em clima de grande agitação e confraternização, os alunos foram sentados no chão. Assim que acalmaram um pouco, foi-lhes explicado o porquê de estarem ali. Não foram necessárias apresentações. Todos sabiam que éramos “A professora do 4º A”.

Começamos então por lhes dizer que somos feitos de histórias. Todos nós somos feitos dos pedacinhos que guardamos das histórias que vamos ouvindo, apesar de não nos darmos conta disso. E que são esses pedacinhos, os que mais gostamos, os mais tristes, os mais trágicos, os heróis, os lugares, as aventuras... que nós guardamos. E são esses pedacinhos que nos preparam para enfrentar situações similares às das histórias. São esses pedacinhos que guardamos no nosso coração sem nos darmos conta e que nos ensinam a lidar e a resolver determinadas situações na nossa vida. Por



## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

esta altura estavam todos ainda relativamente calmos, provavelmente porque nunca ninguém tinha feito este tipo de abordagem às histórias e à importância destas para a nossa vida. Houve uma aluna do 2º ano que, completamente embriagada pela narração introdutória, e com um autêntico ar de surpresa disse: “Uau, então as histórias são mágicas!” - e nessa altura sorrimos e pensámos, “Conseguimos conquistar pelo menos um coração...”. Até àquela altura estávamos pouco convencidas de que nos estivessem sequer a ouvir ou a entender aquilo que lhes dizíamos. Continuámos mostrando que desde muito cedo ouvimos histórias. Perguntámos quem lhes contava histórias, assumindo que algum familiar próximo o fazia. Estávamos enganadas. A maior parte destas crianças (1º/2º/3º/4º anos) relataram que a grande maioria das histórias que ouviam eram contadas ou pela educadora ou pela professora da turma. Muito poucos afirmaram ter a mãe, o pai ou os avós a contar-lhes histórias. Alguns alunos do 4º ano fizeram ainda um ar de escárnio, dando uma risada quase silenciosa, denunciando repudia pela atividade. “São já muito crescidos para ouvir histórias”... Mas, e porque sabíamos desde o início que este não seria um percurso claro e sereno, esforçamo-nos por escolher uma história apelativa, divertida e leve, de forma a fomentar nestas crianças a leitura por prazer. Quisemos, com todas as turmas, proporcionar momentos de partilha, fruição do texto literário e criação de laços, pelas histórias.

Com todas as turmas fizemos a mesma abordagem inicial. O diálogo introdutório reportando a importância de se contar histórias e a antecipação da história com base nos elementos paratextuais. Aqui a surpresa não foi muita nem os alunos se afastaram muito do texto original. A capa era bastante sugestiva, revelava quase todos os pormenores de uma bruxa convencional bem como o título, que fazia já antever que a Malvina era uma bruxa má. Quando questionados sobre o tipo de bruxa que seria, onde viveria, o que faria da vida, a maior parte respondeu ser uma bruxa má, “porque tem chapéu bicudo e usa vassoura para voar”, “vive numa casa preta e toma banho com a escova piaçaba”; “dorme na pia e cozinha na cama”. Quando questionados sobre a razão de ser uma bruxa má e o que teria feito para ser má quase todos fizeram alusão aos conhecimentos prévios que possuem sobre a temática.

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

“Uma bruxa que faz muitos feitiços e transforma pessoas e animais”; “Come cobras”; “Transforma as pessoas em tubarões”; “Usa a panela para fazer as poções mágicas”. Quando indagados sobre a hipótese de no final esta se transformar numa bruxa boa e arrependida das suas maldades, foi curioso constatar que a grande maioria dos alunos colocou essa possibilidade de parte, referindo: “Hum, não, ela é sempre má!”, ou “Não, ela era boa e ficou má”, o que, aos nossos olhos nos quer parecer que estes meninos não estão muito habituados a sonhar e criar situações fantásticas. Alertámo-los para o facto de que “No maravilhoso mundo das histórias tudo ser possível”, procurando acicatar-lhes a mente e a imaginação, esperando que criassem uma versão mais rebuscada da situação, contudo, tal não se verificou. Mantiveram a versão original. “Ela é uma bruxa má e faz muitas maldades”, com um sorriso no rosto. É notório aqui o prazer perante a fuga ao normativo. Tem muito mais piada ver alguém que não cumpre as regras, é mau e faz maldades deliberadamente, do que ser “um anjinho de vestidinho cor-de-rosa”, que era o que a bruxa mais temia. De seguida, explicámos que se queríamos abrir o conto e conhecer as palavras que guardava, teríamos de usar a chave mágica para chamar as histórias. Já que se havia abordado a magia do pedacinho que se guarda no coração, optou-se por utilizar como chave para abrir a porta para o mundo das histórias, uma canção. A canção que se mostra em anexo (cf. Anexo E).

A canção, ao contrário das expectativas criadas, foi bem recebida por todos os alunos. Naturalmente, os alunos de 1º e 2º ano, ainda de mentes cristalinas e sem grandes pré-conceitos e estereótipos, cantaram a canção com alegria, e de uma forma muito bela foram fechando a mãozinha, guardando o fio que teceram para levar a história até ao coração. Nos mais velhinhos, notou-se uma luta interior entre a alegria de cantar e a vergonha de o fazerem publicamente, principalmente sendo uma canção tão infantil. A turma do 3º ano, a mais conflituosa e indisciplinada de todas, foi aquela onde mais se verificou esta discrepância. Apenas as raparigas cantavam e mesmo assim, nem todas o fizeram. Os rapazes mantiveram-se à distância, fazendo questão de manter essa distância para com a história, a canção e toda a atividade que se desenvolveu. Registou-se inclusive a organização de quatro alunos que se

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

deslocaram para o canto da sala e se puseram deliberadamente a brincar uns com os outros.

A professora titular chamou-os à atenção sobre o comportamento adotado, mas preferimos pedir-lhe que não o fizesse, porque o objetivo destas sessões é, entre outros, cativar os alunos para o livro e a leitura de textos literários, não obriga-los a, uma vez que já têm de lutar diariamente com a falta de motivação para realizar essas tarefas em sala de aula.

Preferimos esperar que a magia se instale e a curiosidade se crie, fazendo-os querer participar e usufruir livremente das sessões.

No final da sessão, que confessámos ter sido das mais difíceis por ser um grupo muito complicado, com histórias de vida quase incompreensíveis, com grande histórico de violência e conflituosidade, a professora titular confessou-nos que admirava a nossa perseverança, já que no nosso lugar, teria desistido. Foi grande a resistência por parte deste grupo de 3º ano, mas apoiámo-nos nos poucos alunos que estavam motivados, fazendo a sessão da forma que acreditávamos ser importante trabalhar e mostrando-lhes que não há mal nenhum em gostar de histórias, cantar canções, fazer feitiços e rir de uma bruxa que de inteligente não tinha nada.

Quanto às turmas do 1º ano, esta primeira sessão teve de ser realizada duas vezes, já que, ao longo de toda a narração fomos sendo constantemente interrompidos, ou porque não estavam sentados, ou porque se pisavam, se acotovelavam, se queriam aproximar mais colocando-se à frente de um outro colega que por conseguinte não gostava da brincadeira, ou porque, sanados esses conflitos obrigavam novamente a parar a história porque faziam “policimento” aos colegas, tratando de seguida de fazer queixinha: “Ó professora, o A. não está atento”; “Ó professora, o D. está a mexer nos lápis”; “Ó professora, ele magoou-me”; “Ele pisou-me”... e por aí fora, chegando ao ponto de chorarem porque algum colega não lhes tinha feito a vontade ou os tinha magoado. Decidimos interromper a sessão, porque concluímos não ser aquele o ambiente propício a uma Pedagogia para o Deslumbramento.

Até ao momento da antecipação da história a sessão decorreu muito bem. Todos participavam do diálogo, tentando antecipar a história através dos

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

elementos paratextuais e dando a sua opinião. A partir do momento em que a narração propriamente dita começou e os obrigou a estar mais atentos, mais quietos e principalmente, parados e calados, sentimos imediatamente que lhes ia ser difícil fazê-lo. Estar na biblioteca por si só já era novidade. O facto de estarem sentados no chão era novidade e a necessidade de atenção, competência que em idades mais tenras está ainda pouco desenvolvida devido ao estágio de desenvolvimento em que se encontram, levou, inevitavelmente a uma série de queixas, tropeções e cotoveladas que surtiram nada menos do que a interrupção da história.

Alertámo-los de que o iríamos fazer, porque os meninos não estavam atentos e a maior parte deles já tinha quebrado o fio que havíamos criado no início da sessão. Alguns meninos mostraram pena e arrependimento por o terem feito, outros continuaram a brincar e a usufruir da visita de estudo à biblioteca.

Curiosamente, quando pedimos às professoras do 1º ano para refazer a sessão, estávamos pouco crentes no seu resultado mas, para grande surpresa nossa, a verdade é que a maior parte das crianças se lembrava de todos os pormenores da história que haviam sido narrados até então.

Esta sessão foi mais curta, já que saltamos a parte do diálogo introdutório e a antecipação da história, passando diretamente para a explicação da atividade. Mostrámos aos alunos que lhes estávamos a dar um voto de confiança, esperando que se comportassem melhor perante o livro e a biblioteca e o mundo mágico das histórias.

Acreditamos que resultou, porque apesar de continuarem sentados no chão, demonstraram já maior maturidade comportamental. Entoámos novamente a canção que nos dá acesso ao maravilhoso mundo das histórias e tecemos o fio que as conduziria ao coração de cada um. A maior parte deles manteve a mão fechada para não soltar o fio e alguns referiram até que estavam a manter o fiozinho preso na mão. No final da sessão, pedimos que fizessem o desenho da parte que mais gostaram da história. (cf. Anexo F)

Se formos analisar o próprio desenho, as cores utilizadas, o grafismo, o desenho das figuras, percebemos que mesmo estas são competências poucos

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

trabalhadas nestas crianças. O que nos leva a questionar o tipo de trabalho que fizeram e fazem ao nível da Expressão Artística, já que esta é a fase em que o desenho livre deve ser aprimorado.

Foi visível a alegria no rosto destes meninos quando lhes pedimos que repetissem connosco as palavras mágicas do feitiço que a bruxa Malvina lançou sobre ela mesma. Alguns até fizeram uma voz mais expressiva, mais aguda ou mais grave, dramatizando, ainda que improvisadamente, este pedaço da história. Fomos buscar a varinha mágica ao bolso da algibeira e proferimos as palavras mágicas que transformaram Malvina num peixe. Foi um momento muito rico e proveitoso, já que foi notória a satisfação das crianças ao proferirem as palavras mágicas, provavelmente porque sentiram que havia sido feita justiça com uma bruxa que era muito malvada e havia passado o dia a magicar malvadezas.

Em todas as turmas, desde os primeiros aos quartos anos, todos mostraram prazer em proferir as palavras mágicas que a iriam castigar. Demonstraram sentido de justiça e a clara noção de que quem faz o que não deve, merece castigo.

No final da sessão, perguntámos a todos os meninos qual era o pedacinho da história que iriam guardar. As respostas foram quase unânimes: “A parte do feitiço”; “As palavras mágicas do feitiço”; “O feitiço” ou ainda “A Malvina transformada em peixe”; “A Malvina no aquário”, o que não deixa de ser revelador de uma situação, todos perceberam que a Malvina recebeu o castigo que merecia. Provavelmente, chegaram a essa conclusão mais facilmente, porque o próprio texto é escrito de forma humorística, levando sempre a uma mesma conclusão: - A Malvina teve o que mereceu.

### **Após a dinamização das sessões:**

A primeira conclusão que nos cumpre tirar é a de que os 60 minutos estipulados à dinamização das sessões é claramente insuficiente e irá obrigar à utilização de mais do que uma sessão para a dinamização de uma mesma atividade.

O horário atribuído pelo Agrupamento para a implementação do Projeto também foi sofrendo alterações, pelo que, o tempo que temos disponível após a atividade letiva com a turma de 4<sup>o</sup> Ano obrigará à utilização de pelo menos duas semanas para a dinamização de uma mesma atividade com todas as turmas. Todas estas alterações obrigam a uma maior organização e gestão do tempo da nossa parte, uma vez que teremos de conciliar o trabalho da turma com as atividades de Deslumbramento na Escola.

Além disso, devemos aqui admitir que ficamos extremamente preocupadas com o futuro desta investigação. De todas as sessões que fizemos (duas no caso das turmas do 1<sup>o</sup> ano) saímos sempre com a sensação de que “havíamos tido mais olhos do que barriga” e que somos claramente insuficientes para resolver todos os problemas destes meninos. É que esta é uma realidade escolar como muitas outras, mas ao mesmo tempo, diferente. Verificam-se turmas bastante heterogéneas e necessitadas de uma educação/abordagem intercultural. Mesclam-se várias raças, povos de diferentes continentes, meninos de várias idades dentro de uma mesma turma. Todos eles revelam dificuldades a vários níveis: cognitivos, sociais, comportamentais, disciplinares, económicos, familiares... um sem fim de carências e necessidades que julgamos não existirem nos dias que correm. Afinal, ainda existem.

Nestas turmas, encontramos meninos em diferentes estádios de desenvolvimento a trabalhar um mesmo Programa, rígido e inflexível e que obriga a uma avaliação, ela mesma, quase imutável. Assistimos a um sistema de ensino demasiado burocratizado, que não tem em conta as inúmeras necessidades destes alunos e que sobrecarrega o Professor da turma com papéis e ofícios e planos de aula diversificados, tornando-o quase um

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

malabarista do Programa e das Metas Curriculares. Um professor que rapidamente se cansa e desmotiva, porque não é ouvido, porque não é respeitado quer pelos órgãos de soberania quer pela direção do Agrupamento quer pelos próprios pais que o desvalorizam e desrespeitam continuamente. O mesmo Professor que luta diariamente para que os seus alunos registem avanços, por mais minúsculos e insignificantes que possam parecer à sociedade em geral, mas que o Professor sabe ser um dos muitos minúsculos passos que o aluno terá de dar, de forma a cumprir as exigências mínimas consignadas às competências finais de ciclo.

Esta é uma realidade dura, de muitos meninos oriundos quer do continente asiático, do continente africano ou do continente americano, que se veem a braços com um sistema que não entendem, com uma língua que não é a sua, com conteúdos programáticos que não os preparam para a vida que têm de enfrentar diariamente no bairro.

Esta é a realidade da maioria dos alunos da Escola Básica de Aqualva nº3 e dos seus professores. Uma realidade que nos assustou. Uma realidade que julgamos não existir mas que nos recebeu de braços abertos. Só o sentimos no dia em que fazíamos vigilância do recreio, talvez uma semana depois de termos dinamizado a primeira sessão e uma menina do 2º ano se aproximou de nós e disse: “- Professora, ainda tenho o meu pedacinho da história comigo.” Nesse momento percebemos que, afinal de contas, ainda conseguimos ser ouvidas e provavelmente fazer diferença, nem que seja durante os 60 minutos semanais em que estão connosco, e que, afinal de contas, não será tão descabida a nossa intenção de deslumbrar naquele contexto. Ali percebemos que o caminho que escolhemos será um caminho árduo, espinhoso, com muitos altos e baixos, mas um caminho possível de ser traçado.

A convivência com esta realidade e a resistência encontrada fizeram com que nos colocássemos muitas questões:

- Estará o professor, ele mesmo, apto a ser deslumbrado?
- O que é necessário ao professor para deslumbrar?

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

- Que competências? Que requisitos deve ter um professor-deslumbrador?

- A capacidade para deslumbrar é inata ou pode ser trabalhada na própria figura do professor?

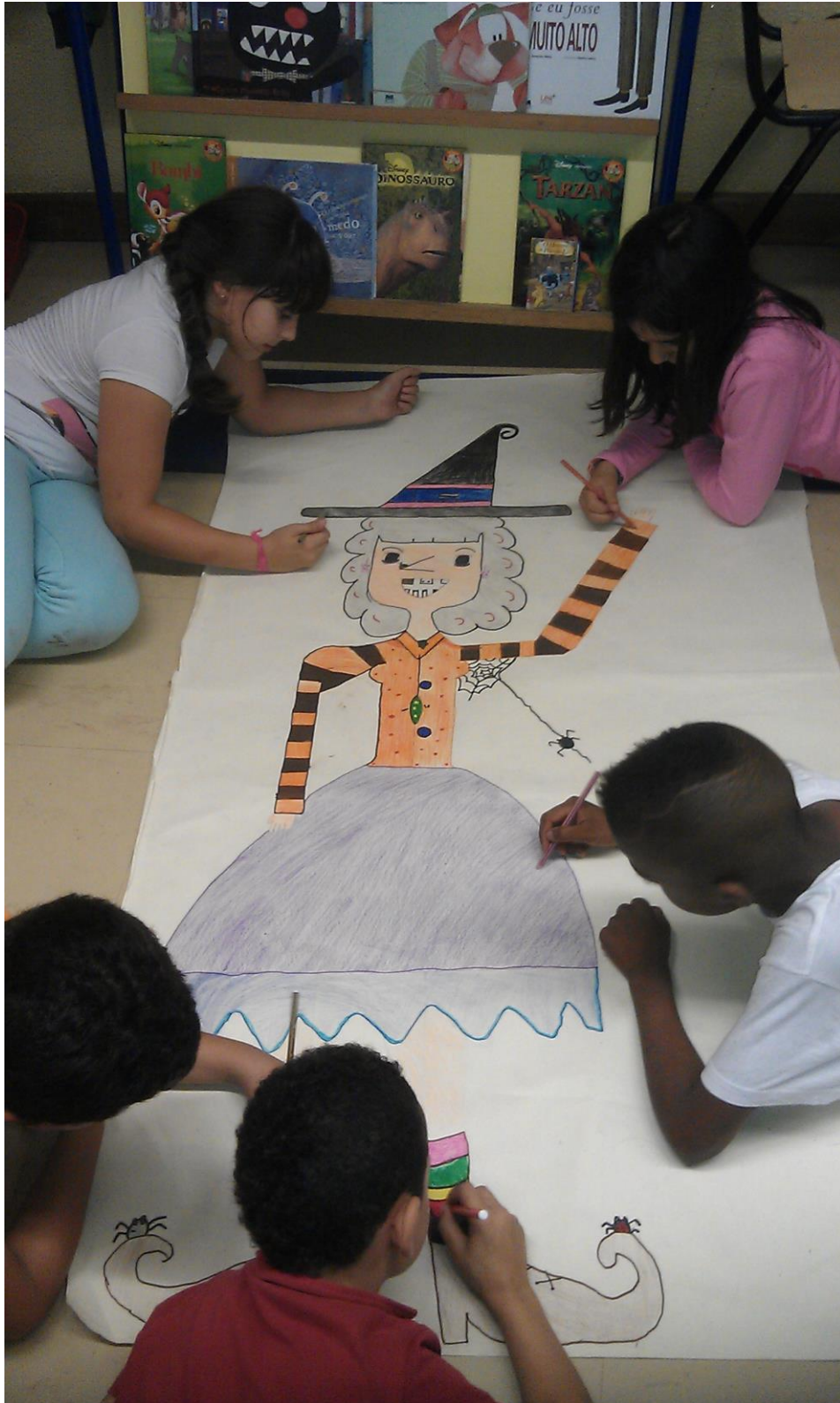
- As crianças estão, à partida, preparadas para sonhar e imaginar? Ou o pensamento criativo deve ser trabalhado desde cedo?

- Serão as estratégias adotadas suficientes para deslumbrar? Ou é necessário muito mais do que isso?

Esperemos que estas e outras questões que surjam durante a pesquisa encontrem as respostas que tanto procuramos.



**Anexo I – Fotos da atividade**



Alunos do 4º A ilustrando a Malvina que haviam desenhado

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



A vassoura da bruxa Malvina

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



A casa da bruxa Malvina



Os alunos do 1º ano ilustrando a história da Malvina, a bruxa Malvada

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



[Todos estes trabalhos foram afixados pela Escola de Aqualva, juntamente com os trabalhos realizados na disciplina de Inglês.]

<p align="center"><b>Plano de ação da 2ª oficina – Do poder da imaginação...</b></p> <p><b>Duração: 60 minutos</b> <span style="float: right;"><b>Ano: 1º/2º/3º/4º anos de escolaridade</b></span></p>				
<p align="center"><b>ATIVIDADE 1 – “Vamos salvar a Malvina”</b></p>				
<b>Conteúdos</b>	<b>Descritores de Desempenho</b>	<b>Percurso da sessão</b>	<b>Recursos Materiais</b>	<b>Avaliação</b>
<p>Vocabulário</p> <p>Planificação de textos</p> <p>Textos instrucionais</p>	<p>Mobilizar conhecimentos prévios</p> <p>Planificar textos de acordo com o objetivo, o tipo de texto e os conteúdos</p> <p>Elaborar um texto instrucional</p> <p>Redigir textos</p>	<p>A dinamizadora iniciará a sessão dialogando com os alunos acerca do trabalho a realizar, explicando que esta atividade surge numa linha de continuidade da anterior e que, apesar da Malvina ser uma bruxa malvada merecedora do castigo que teve, tinha direito a uma segunda oportunidade para voltar a ser humana e quiçá, diferente da bruxa má que outrora havia sido. Aqui, questionar-se-ão os alunos sobre o tipo de bruxa que desejarão que esta volte a ser e, dependendo das respostas dadas, terão de selecionar ingredientes no caldeirão para que possam preparar a receita mágica que irá restituir a Malvina à sua anterior condição.</p> <p>Será distribuído aos alunos o guião de exploração da atividade, guião este onde constam as pistas /indicações à correta prossecução da tarefa.</p> <p>Posteriormente, serão construídas no quadro e em grande grupo, listas de palavras com vocabulário específico necessário à escrita do texto pretendido, servindo estas de auxiliares à construção do texto instrucional.</p> <p>Os alunos deverão realizar esta atividade em grupo, selecionando corretamente os ingredientes necessários ao tipo de bruxa que pretendem recuperar, debatendo ideias sobre processos de confeção, materiais a utilizar e forma de resgatar a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro “Malvina, a bruxa malvada”, de Miguel Borges Silva</li> <li>- Guião de exploração da atividade</li> <li>- caldeirão mágico</li> <li>- ingredientes especiais</li> <li>- colher de pau</li> <li>- lápis, borracha</li> <li>- Caixinha de música</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atitudes</li> <li>- Comportamentos</li> <li>- Pertinência das intervenções</li> <li>- Sentido crítico</li> <li>- Empenho</li> <li>- Capacidade de escuta do outro</li> <li>- Respeito pela opinião divergente</li> </ul>

## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

Escrita	(de acordo com o plano previamente elaborado, respeitando as convenções (orto)gráficas e de pontuação	Malvina do feitiço.  Terminada a fase de planificação do texto, os alunos deverão passar à escrita do mesmo. Pretende-se que os alunos pensem ativamente sobre o tipo de discurso que irão utilizar nas diferentes situações, promovendo-se assim uma maior consciencialização acerca da língua falada e escrita.  Pedir-se-á aos alunos que façam uma revisão contínua da sua escrita à medida que a vão construindo, fazendo as alterações que acharem necessárias de forma a responderem ao que lhes é solicitado.		
Leitura recreativa dos textos produzidos	Ler de forma recreativa o texto	No final da atividade de escrita, os alunos serão convidados a proferir os feitiços que criaram à Malvina-peixe presa no aquário, na tentativa de a resgatarem do feitiço que havia lançado sobre si mesma.		

## **Anexo K**

### **2ª oficina: Do poder da imaginação...**

Esta atividade surge na sequência das sessões pensadas para trabalhar a obra para a infância “Malvina, a bruxa malvada”. Tal como já havia sido referido anteriormente, a escolha desta obra deveu-se ao facto de saber ser-se um texto com carácter lúdico e humorístico e que, à partida, todas as crianças o iriam aceitar bem. Mais ainda, surgia enquadrado nas comemorações do Halloween levadas a cabo pela professora de Inglês.

E se a primeira atividade incidia sobretudo sobre o papel do professor como narrador e impulsionador de momentos que conduzissem à fruição do texto literário, esta segunda atividade apelava mais ao pensamento criativo e à própria escrita decorrente desse mesmo momento de criação.

Para que a atividade fosse levada a cabo com todas as turmas, dirigimo-nos previamente com a nossa turma a uma loja de animais na freguesia de Agualva para que juntos pudéssemos escolher uma Malvina. Levávamos já um aquário semelhante ao da história e por isso, encontrar um peixinho que tivesse as mesmas características físicas da Malvina-peixe não foi difícil.

Este “passeio” pelas ruas de Agualva foi benéfico para os alunos do 4ºA, já que tivemos a possibilidade de desfrutar de momentos juntos fora da sala de aula, estreitando mais os laços entre todos, para além do facto de que pudemos trabalhar a interdisciplinaridade relembrando as regras de trânsito e da circulação de peões, bem como a própria transação monetária. Acreditamos que esta tenha sido uma decisão acertada e benéfica para todos.

Já na escola, tratamos da distribuição de tarefas: Quem alimenta a Malvina, quem limpa o aquário, para além de termos discutido algumas regras essenciais à sobrevivência de tão pequena criatura. “- Nada de bater no vidro, porque se assusta e pode morrer de ataque cardíaco e nada de colocar as mãos no aquário sem estarem devidamente limpas”. Outro tópico abordado foi a questão do ruído. Explicámos que estes são animais muito sensíveis e que as ondas sonoras que se produzem dentro da sala de aula se refletem dentro

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

de água, pelo que, lhe poderão provocar danos irreversíveis ou mesmo a morte.

Desta forma, inculcamos nos alunos noções de responsabilidade, de respeito pelos mais fracos, de compaixão e a criação de rotinas que ultrapassem a escrita do plano diário ou as horas destinadas à disciplina de Português ou Matemática.

Obviamente, à medida que as turmas foram conhecendo a Malvina na dinamização das diferentes sessões, todos quiseram tratar dela. Afinal de contas, a Malvina é já um pedacinho no coração de todos eles. Agora, passeia-se por todas as salas de aula, ainda laranja de raiva pelo que lhe aconteceu!

### **Operacionalização:**

Assim que os alunos iam chegando à biblioteca para assistirem a uma sessão de Pedagogia do Deslumbramento, encontravam logo a Malvina a nadar de um lado para o outro dentro do aquário. Entre risos de alegria e surpresa, todos a reconheceram.

Passámos então a explicar que iríamos fazer uma atividade diferente da anterior e que, apesar da Malvina ser uma “malvadona” merecedora do castigo que teve, tinha direito a uma segunda oportunidade para voltar a ser humana e quiçá, diferente da bruxa má que outrora havia sido.

Questionámos então os alunos se concordavam connosco e se achavam bem dar-lhe uma segunda oportunidade. Todos responderam que sim, em êxtase.

Explicámos então que trazíamos connosco o caldeirão dos feitiços da Malvina e que este estava carregadinho de ingredientes secretos. Notámos logo empolgação por parte dos alunos. Afinal de contas, não é todos os dias que se encontra um caldeirão verdadeiro, de uma bruxa verdadeira e ainda por cima, carregadinho de ingredientes mágicos.

Alertámo-los para o facto de que teriam que ser extremamente inteligentes e criativos para conseguirem salvar a Malvina, já que dentro do caldeirão também poderiam encontrar alguns ingredientes falsos ou



## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

enganadores. Teriam de cozinhar a poção com o coração para saberem que era a poção certa, capaz de resgatar a Malvina daquele feitiço.

Por esta altura, já alguns alunos estavam de pé, estagnados a observar o caldeirão e outros prontos a fazer o mesmo.

Pedimos que se sentassem, porque todos iriam poder cozinhar esta poção mágica, teriam de ter paciência (coisa rara por estas bandas...)

Antes de iniciarem a confeção da receita propriamente dita, estabelecemos um diálogo com os alunos para que ativassem conhecimentos prévios acerca da confeção de qualquer receita, as fases de preparação que qualquer receita deve respeitar bem como vocabulário específico à atividade em questão. Indagámos então os alunos acerca dos diferentes processos de confeção que conheciam, e logo se dedicaram à partilha de saberes e experiências, respondendo “cozer”, “assar”, “panar”, “fritar” e o tipo de utensílios que necessitavam para essa confeção, “colheres de pau”, “garfos”, “batedeira elétrica”, “tachos”, “frigideiras”, “alguidares” e o próprio caldeirão. Notou-se claramente que eram as meninas quem mais intervinha nesta fase, já que estão mais familiarizadas com este vocabulário e estas ações em casa. Algumas crianças, quer rapazes quer raparigas confidenciaram-nos que já cozinhavam o jantar em casa quando a mãe ou a avó estão ausentes por motivos profissionais. Criámos listas de processos de cozedura e de utensílios que poderiam utilizar nas suas receitas, no quadro. Estas listas constituíram uma ajuda para a planificação dos textos instrucionais que tinham de preparar.

Com os alunos das duas turmas do 1º ano e uma turma do 2º ano, o trabalho foi executado com o grande grupo, uma vez que, no primeiro caso, as crianças ainda não conseguem ler e escrever de forma autónoma, o mesmo sucedendo com a turma do 2º B, uma turma bastante fraquinha ao nível do aproveitamento global e com casos de alunos com graves dificuldades de aprendizagem. Aqui, optou-se por fazer o trabalho na modalidade grande-grupo de maneira a não diminuir ou melindrar os sentimentos de nenhuma criança.

Devemos confessar que desde o início esta foi uma atividade bastante interativa e divertida. Tirando uma ou outra situação decorrente dos trabalhos em grupo e a pares das turmas do 3º e 4º anos, foram momentos de intensa partilha e interação entre todos.

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

Depois do diálogo introdutório, foram explicadas a todas as turmas os procedimentos a adotar, até porque estes se desenrolavam de forma processual e nenhuma das etapas deveria ser ultrapassada.

Os primeiros procedimentos foram desenvolvidos de igual maneira com todos os grupos-turma, apenas a fase da escrita se diferenciou de umas turmas para as outras, dependendo do grau de autonomia que possuíam.

Começámos então por decidir de que forma a bruxa Malvina regressaria. Seria uma bruxinha boa ou uma bruxinha má? Voltaria à sua vida antiga ou seria uma bruxinha boa e renovada, das da categoria da Bruxa Mimi?

Curiosamente, os alunos do 1º e 2º anos votaram numa bruxinha boa mas os alunos de 3º e 4º responderam perentoriamente que a queriam novamente má, ainda mais malvada do que era antes.

Depois desta tomada de posição, pedimos que se dirigissem ao caldeirão, um a um, e retirassem um ingrediente. Dependendo do tipo de bruxinha que haviam escolhido, teriam de dizer se aquele ingrediente era necessário ou não.

Com as turmas do 1º e 2º ano, fomos apontando no quadro os ingredientes selecionados, bem como as técnicas que poderiam utilizar (cozer, grelhar, estufar, alourar...). Com estas turmas, o trabalho consistiu quase exclusivamente no diálogo e na interação com os alunos, já que a parte escrita coube ao professor.

Com as turmas do 3º e 4º anos, o primeiro passo (escolha dos ingredientes) decorreu da mesma forma, tendo-lhes sido posteriormente distribuído o guião que se encontra em anexo (cf. Anexo J)

Nestas sessões, assistimos a momentos muito divertidos e de pura fruição, muita gargalhada mas também alguns atritos. Todo o trabalho de grupo, mesmo o de pares, obriga a uma certa cedência e respeito pelo outro, valores que não estão ainda consolidados nestes alunos.

Todas estas sessões requereram o apoio permanente do professor dinamizador bem como do professor titular de turma, nomeadamente, no que diz respeito à construção frásica, à escrita com correção ortográfica, à sintaxe e à utilização de vocabulário específico.

No final, da atividade de escrita, era vê-los proferirem palavras mágicas, palavras de ordem para o aquário, quase aos gritos. Gesticulando, imaginando

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

varinhas de condão, passes de mágica, palavras-chave que a salvassem daquele imbróglio em que ela mesma se havia enfiado:

- “- Volta Malvina!”
- “Ressuscita Malvina!
- “Regressa Malvina!”
- “Toma estes pozinhos de perlimpimpim e regressa assim.”
- “Com todo o nosso coração, te preparamos esta poção. Zás, catrapás!”
- “Zás, catrapás, por todas as bruxas más, volta Malvina!”

A decepção estava-lhes estampada no rosto. Não tinham sido capazes de salvar a Malvina. Para que não se entristecessem com o seu fado, dissemos a todos que éramos uns sortudos. Provavelmente ela tinha optado por permanecer assim e ficar sempre do nosso lado.

E um menino acrescenta: “- Pois, temos é de tratar bem dela.”

E outro logo diz: “- Ora bolas, mais um trabalho!”

### **Após a dinamização das sessões:**

A Malvina já atravessou claramente as paredes da biblioteca. Agora viaja de sala em sala, sendo alimentada e tratada por todos os alunos, provavelmente na esperança de que um dia os seus feitiços surtam efeitos.

Mas não foi só a Malvina que cresceu para lá da biblioteca. Toda a pedagogia e o trabalho realizado em torno do livro e da animação da leitura têm atingido vários alunos, em maior ou menor grau, claro está!

Não são poucas as vezes em que os alunos passam intervalos inteiros na nossa sala a ler livros, pedindo para lá ficarem. Mesmo os mais resistentes e afoitos o têm feito em horário letivo, pedindo às professoras titulares que os deixem ir para a sala do 4º A um bocadinho. Os alunos do 3º ano assistiram inclusive a uma aula de História de Portugal. Fazíamos revisões sobre a 1ª e 2ª dinastias e dois alunos que se haviam comportado de forma incorreta, estavam fora da sala de aula. Bateram-me à porta e perguntaram se podiam entrar. Anuímos que sim mas advertimo-los que não podiam interromper porque

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

estávamos em tempo de estudo. Sentámo-los na nossa mesa e ao fim de alguns minutos estavam deslumbrados com o facto de deixarmos os alunos mexerem no computador. Explorávamos um PowerPoint e o L.R. clicava para passar os diapositivos à medida que os explorávamos. Explicámos-lhes então que na sala existiam muitos direitos e benefícios mas também muitos deveres e muitas tarefas. Mostrando-lhes que se os alunos fizessem a parte deles teriam acesso a todos os materiais da sala de aula. Logo nos questionaram: “- Todos?”. Respondemos que sim. Continuaram: “- Mas, mesmo todos?” Voltámos a responder que sim e pedimos aos nossos alunos que lhes explicassem que tipo de benefícios recebiam. Ficaram atónitos. Explicámos que a professora deles também deveria pensar da mesma forma que nós mas que eles teriam de lhe dar espaço para ela os conhecer melhor e não seria desrespeitando as regras da sala de aula e perturbando as aulas da professora que o iriam conseguir.

Ficaram cabisbaixos e apesar de não ter sido um ralhete, cremos que o entenderam dessa forma.

Mais uma vez, o tempo disponibilizado para a dinamização desta atividade (60 minutos) foi insuficiente mas conseguimos que todos os alunos fossem ter connosco à biblioteca, largando mão dos seus intervalos para conseguirmos terminar as atividades.

Consideramos este passo um gesto de amor e uma pequena grande conquista em prol da Pedagogia do Deslumbramento.

## **Anexo L**

### **Salvando a Malvina do seu feitiço...**

Se acreditas que a Malvina merece uma hipótese para se redimir e tornar uma boa bruxinha, procura desenvolver no teu laboratório uma poção mágica que funcione como antídoto à maldição que ela lançou sobre si mesma.

#### **Materiais de que vais necessitar:**

- caldeirão mágico
- ingredientes que consigues extrair do caldeirão da Malvina
- colher de pau
- plano de ação

#### **Procedimento:**

##### ✓ **1º passo:**

Dirige-te ao caldeirão mágico onde a Malvina cozinha as suas próprias poções mágicas e feitiços e retira o maior número de ingredientes que consigues.

Cuidado, podes queimar-te nas bolhas fervilhantes!

##### ✓ **2º passo:**

Seleciona apenas os ingredientes de que necessitas para poderes ajudar a Malvina.

Aconselha-se cautela. Alguns ingredientes podem ser bem enganadores...

##### ✓ **3º passo:**

Cozinha no teu coração, a poção mágica que acreditas poder salvar a Malvina, transformando-a numa bruxinha do bem.

Atenção, poderás pedir a ajuda de um amigo. Dois corações e 4 mãos são sempre mais poderosos.

##### ✓ **4º passo:**

Dirige-te à loja do Sr. André, mergulha dentro do aquário sem medo e profere as palavras mágicas à Malvina. A tua coragem será a tua guia.

**Boa sorte!**

# Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

## Plano de ação:

✓ Ingredientes selecionados:

---

---

---

---

---

---

✓ Modo de preparação da poção:

Primeiro,

---

---

---

---

De seguida,

---

---

---

---

Por fim,

---

---

---

---

Resultados observados:

---

---

---



*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

Asas de morcego

Unha de gato

Pelo de rato

Risada fácil

Uma pitada de bom humor

250 gr de bondade

Doce de morango

Um saquinho de doçura

2 caudas de escorpião

Olho de osga

Ovas de peixe

Patas de coelho

Dente de tubarão

Olho de unicórnio

Sonhos de algodão doce

3 fatias de alegria

1 frasco a abarrotar de amor

1 viagem nas nuvens

1 embalagem de amor  
ao próximo

2 doses de 125 gr de  
confiança

3 kg de pozinhos de  
perlimpimpim

1 chave mágica

5 litros de combustível  
para vassoura

Raspas de tapete voador

Óculos com visão noturna

2 páginas do livro sagrado

8 patas de viúva negra

Uma dúzia de baratas

2 asas de escaravelho

## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

### Anexo M – receitas de enfeitiçar produzidas pelos alunos

#### Plano de ação:



#### ✓ Ingredientes selecionados:

- Olhos de esga;
- Pelo de rato;
- Uma dúzia de baratas;
- Patas de coelha;
- Ovas do peixe;
- 2 ovas de escorrelho;

#### ✓ Modo de preparação da poção:

##### Primeiro,

deitamos para dentro do caldeirão pelo de rato e olho de esga.

##### De seguida,

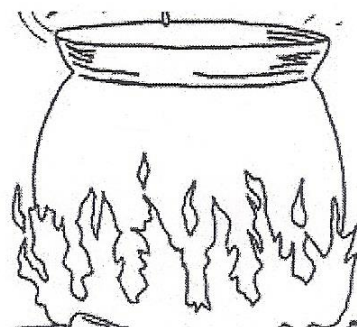
batemos com a colher de pau os ingredientes, pondo para o tempero ovas do peixe. Misturamos mais um pouco, e acrescentamos 2 ovas de escorrelho e uma dúzia de baratas.

##### Por fim,

fritamos as patas de coelha em óleo quente e trituramos até ficar uma pasta viscosa. juntamos tudo no caldeirão em lume brando e quando borbulhar muito tiramos para um frasco.

#### Resultados observados:

Observamos que esta poção é muito mágica mas que resultará para transformar a natureza numa humana e malvada.





## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

### Plano de ação:



#### ✓ Ingredientes selecionados:

- 2 caudas de escorpião
- 5 litros de combustível para a marmocira
- olhos de aranha mortuária
- Patas de coelho
- 8 patas de aranha negra
- Ovos de feixes
- 2 asas de escaravELHO.

#### ✓ Modo de preparação da poção:

##### Primeiro,

Triturar em óleo bem quente patas de coelho e acrescentar 5 litros de combustível para a marmocira.

##### De seguida,

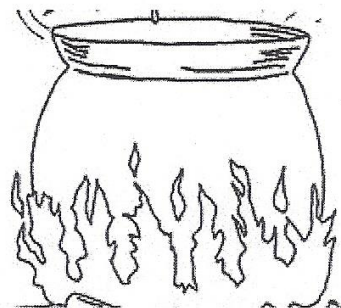
Triturar 2 asas de escaravELHO; adicionar as asas de feixes na frigideira junto com as 8 patas de aranha negra.

##### Por fim,

Bolhamos com 2 caudas de escorpião trituradas. Verificamos as temperaturas e deixamos cozer com lume brando.

#### Resultados observados:

De repente, formou-se uma bolha gigante e de lá surgiu a Malvina, fresca e malvada como sempre.



## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...



### Plano de ação:

#### ✓ Ingredientes selecionados:

- 2 doses de 125 gr de confiança.
- 1 chave mágica.
- 1 embalagem de amor ao próximo.
- Risada fácil.
- Uma pitada de bom humor.
- 3 kg de porquinhos de perlimpimpim.

#### ✓ Modo de preparação da poção:

##### Primeiro,

reamos ao livro de feições de bruxa Malvina, mas primeiro reamos  
buscar o grande caldeão. Vamos procurar a receita 34 que se  
chama "O beato da delícia suprema".

##### De seguida,

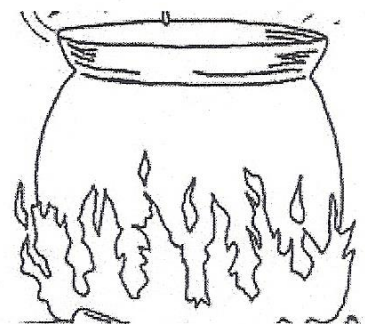
reamos começar por meter 2 doses de 125 gr de confiança, de seguida trituramos  
até ficar em pasta, adicionamos um pouco de Risada fácil para lhe  
dar um toque divertido, mas não esquecer de bater muito bem.

##### Por fim,

acrescentamos uma chave mágica, e cozinhamos tudo em lume  
brando, de seguida acrescentamos uma pitada de bom humor, sem  
misturar, de seguida acrescentamos 3 kg de porquinhos de perlimpimpim e para finalizar  
com 1 embalagem de amor ao próximo e misturamos bem durante 20 minutos.

#### Resultados observados:

No meu coração sentimo  
que a bruxa Malvina vai  
ficar boa outra vez.



## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...



### Plano de ação:

#### ✓ Ingredientes selecionados:

- 5 litros de combustível para varinha
- Doce de morango
- 2 doses de 125 gr de confiança
- 1 viagem nos nuvens
- 1 frase a abstrair de amor
- Uma pitada de bom humor

#### ✓ Modo de preparação da poção:

##### Primeiro,

amassamos 2 doses de 125 gr de confiança,  
com doce de morango.

##### De seguida,

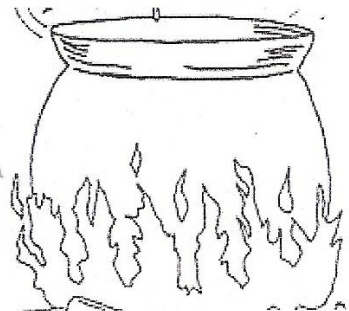
Botamos 5 litros de combustível de varinha  
com 1 frase a abstrair de amor. Deitamos  
cozinhar em lume brando.

##### Por fim,

retificamos as temperas e acrescentamos 1  
pitada de bom humor.

#### Resultados observados:

O caldeirão borbulhou  
tanto que a estropeina  
saíu de lá para uma viagem  
nos nuvens.



*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

**Anexo N – fotografias da atividade**



Alunos retirando ingredientes do caldeirão



*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



Retificando os temperos

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



Proferindo os feitiços...



“A Malvina viverá para sempre connosco.”

**Plano de ação da 3ª oficina – A literatura como promotora da interculturalidade**

**Duração: 60 minutos**

**Ano: 1º/2º/3º/4º anos de escolaridade**

**ATIVIDADE 1 – “Uma história cheia de cor”**

Conteúdos	Descritores de Desempenho	Percurso da sessão	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Elementos paratextuais do livro</p> <p>Antecipação da história</p>	<p>Mobilizar conhecimentos prévios</p> <p>Identifica os elementos paratextuais do livro:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- capa:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- título;</li> <li>- contracapa;</li> <li>- guardas do livro</li> </ul> </li> </ul> <p>Antecipar o conteúdo do texto com base</p>	<p>Para dar início à sessão, utilizar-se-á a caixinha de música para que o seu som crie um momento de apaziguamento e serenidade.</p> <p>De seguida, a dinamizadora irá mostrar apenas um dos elementos paratextuais do livro para que os alunos consigam fazer a antecipação da história a partir dele – as guardas do livro. Iniciar-se-á a conversa indagando os alunos acerca das imagens que estão impressas nas guardas do livro bem como as cores utilizadas e as expressões que cada imagem apresenta. Pretende-se desta forma mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos, estimulando a sua capacidade imaginativa e criadora, colocando-se posteriormente questões orientadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Que imagens serão estas?</li> <li>- Em que categoria se inserem (Objetos? Manchas?)</li> <li>- O que representarão?</li> <li>- Por que se utilizaram estas cores?</li> <li>- Do que tratará esta obra?</li> </ul> <p>Posteriormente, e estabelecido este diálogo questionador e reflexivo, ativador de conteúdos e da própria imaginação da criança, a dinamizadora pedirá aos alunos que, utilizando as informações de que dispõem, tentem construir oralmente a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro “Uma história cheia de cor”, de Miguel Borges Silva</li> <li>- Caixinha de música</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atitudes</li> <li>- Comportamentos</li> <li>- Pertinência das intervenções</li> <li>- Sentido crítico</li> <li>- Empenho</li> </ul>

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

<p>Leitura recreativa</p> <p>Comparação de diferentes versões da mesma história</p> <p>Regras e papéis da interação social</p>	<p>nos elementos paratextuais</p> <p>Ler livros de literatura para a infância e juventude</p> <p>Participar em atividades de expressão orientada:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- expressar sentimentos e emoções;</li> <li>- interpretar pontos de vista diferentes;</li> <li>- justificar opiniões</li> </ul>	<p>história que o livro conta.</p> <p>Terminada a fase de antecipação da história, a dinamizadora questionará os alunos acerca do desejo de conhecer a versão original da história e descobrirem se a versão que criaram será muito diferente da do autor.</p> <p>É chegado o momento de entoar a canção para chamar a história e criar o fio que levará o pedacinho mais importante até ao coração de cada um deles.</p> <p>De seguida, proceder-se-á à narração do texto em voz alta pela dinamizadora.</p> <p>Terminada a narração, iniciar-se-á um diálogo estimulando os alunos à comparação das duas versões da história, a construída por eles e a versão do autor, dissecando-se as diferenças e as aproximações entre ambas. Questionar-se-ão os alunos acerca do comportamento adotado pelas diferentes personagens, no sentido de os alertar para as injustiças cometidas contra a personagem principal da história – o Índigo. Procurar-se-ão ativar os processos de identificação e subjetivação que o texto literário proporciona bem como as inferências que os alunos poderão produzir a partir das situações vividas.</p> <p>Procurar-se-á estimular o pensamento crítico dos alunos quanto às atitudes discriminatórias adotadas pelas outras cores do ateliê, promovendo a educação de um olhar mais aberto à diferença e à individualidade de cada ser.</p> <p>No final da atividade, os alunos serão convidados a experimentar um laboratório de cores, no qual poderão utilizar diferentes materiais e cores, estimulando a capacidade imaginativa e criativa de cada um, compondo um painel coletivo.</p>		
--	--	--	--	--



Plano de ação da 3ª oficina – A literatura como promotora da interculturalidade

Duração: 60 minutos

Ano: 1º/2º/3º/4º anos de escolaridade

ATIVIDADE 2 – Laboratório de cores

Conteúdos	Descritores de Desempenho	Percurso da sessão	Recursos Materiais	Avaliação
Desenho e pintura	Explorar as possibilidades técnicas de: mão, esponjas, trinchas, pincéis, rolos com diferentes pigmentos naturais e artificiais;  Ilustrar de forma pessoal;  Pintar livremente, em grupo, sobre papel de cenário de grandes dimensões;	Esta atividade surge no seguimento da primeira atividade estruturada para promover a literatura como espaço de interculturalidade e, como na sessão anterior esta tarefa não pôde ser levada a cabo, é agora planificada e estruturada.  Os alunos serão convidados a experimentar um laboratório de cores. Poderão fazer diferentes experiências de cores sobre papel de cenário utilizando diferentes materiais e diferentes tintas, estimulando a capacidade imaginativa e criativa de cada um, numa tentativa de fazerem nascer novas cores.  Pretende-se posteriormente, construir um painel coletivo com as produções dos alunos.	- Livro “Uma história cheia de cor”, de Miguel Borges Silva  - Caixinha de música  - Papel de cenário  - Tintas  - Pinceis  - Esponjas  - Frascos  - papel absorvente	- Atitudes  - Comportamentos  - Pertinência das intervenções  - Sentido crítico  - Empenho

**Plano de ação da 3ª oficina – A literatura como promotora da interculturalidade**

**Duração: 60 minutos**

**Ano: 1º/2º/3º/4º anos de escolaridade**

**ATIVIDADE 3 – Construção de puzzle**

Conteúdos	Descritores de Desempenho	Percurso da sessão	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Desenho e pintura</p> <p>Recorte e colagem</p>	<p>Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, giz, tintas, feltros,...</p> <p>Utilizar livremente a régua, o esquadro e o compasso</p> <p>Fazer composições colando materiais cortados ou recortados</p>	<p>Cumprindo a solicitação dos alunos no que à construção de um puzzle diz respeito, a dinamizadora conduzirá os mesmos até ao ginásio – espaço no qual as tiras de papel de cenário poderão ser estendidas e trabalhadas mais facilmente.</p> <p>Pedir-se-á aos alunos que se façam acompanhar de lápis, borracha, régua e esquadro para que possam traçar linhas paralelas, perpendiculares, oblíquas e todo o tipo de traçado que melhor lhes convier ao desenho das peças do puzzle.</p> <p>Depois de terminada esta fase, os alunos do 1º e 2º ano serão solicitados para recortarem as peças do puzzle anteriormente desenhadas pelos colegas do 3º e 4º anos.</p> <p>No final da atividade e cumprida a tarefa de construir um puzzle a partir do laboratório de cores desenvolvido, será pedido aos alunos que afixem as peças do puzzle pelos corredores da escola – afinal, aquele será o produto final de um trabalho coletivo, pelo que, deverá ser apreciado por toda a comunidade escolar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro “Uma história cheia de cor”, de Miguel Borges Silva</li> <li>- Caixinha de música</li> <li>- Papel de cenário</li> <li>- Lápis</li> <li>- Borracha</li> <li>- Régua</li> <li>- Esquadro</li> <li>- Tesoura</li> <li>- Bostik</li> <li>- pioneses</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atitudes</li> <li>- Comportamentos</li> <li>- Pertinência das intervenções</li> <li>- Sentido crítico</li> <li>- Empenho</li> </ul>

## **Anexo P**

### **3ª oficina: A literatura como promotora da interculturalidade**

#### **“Pintando as cores de que somos feitos”**

Para levar a cabo a dinamização desta terceira sessão, escolhemos a obra “Uma história cheia de cor”, do autor Miguel Borges Silva, edições Livro Directo.

Esta história, como qualquer obra de Literatura, permite-nos um vasto leque de abordagens temáticas, contudo, e porque achamos mais pertinente para a população em estudo, decidimos centrar-nos sobre a temática da diferença e do respeito pela diferença.

Esta obra surgiu assim inserida nas comemorações do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, tendo sido dinamizada em parceria com a professora da Educação Especial.

E que melhor forma de trabalhar estas temáticas, alertando para a importância do respeito pela diferença do Outro, do que com uma bela história de literatura infantil?

“Porque uma manhã, num tremor do pintor Vicente, provocado pela voz estridente do seu amigo Leonardo que o chamou para lanchar, nasceu uma mancha de tinta diferente. Não era amarela, nem magenta, nem azul, nem verde, nem violeta, nem vermelha-alaranjada! Era diferente! Muito diferente!”

Nasceu então o Índigo, que por ser tão diferente era maltratado e discriminado pelas outras cores do ateliê.

#### **Operacionalização:**

Antes de darmos início à narração da história propriamente dita, trabalhamos como habitualmente a exploração dos elementos paratextuais do livro, no entanto, e para que estas sessões não comecem a tornar-se rotineiras

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

e possamos continuar a proporcionar o elemento surpresa e a acicatar a curiosidade e o pensamento criativo das crianças, decidimos propositadamente, ocultar a capa e o título da obra, optando por explorar num primeiro momento as imagens pintadas nas guardas do livro.

Assim que as viram, a maior parte dos alunos ficou curioso em saber do que se tratava, e quando indagados acerca da gama/família a que cada uma dessas cores pertencia, revelaram alguma dificuldade em perceber o que lhes era pedido para além do ordinário, do habitual. A maior parte dos alunos referiu serem cores, manchas de cor. No entanto, quando questionados acerca da paleta de cores que observavam e da tonalidade das mesmas, a grande maioria revelou alguma insegurança, pouca imaginação e parca criatividade, mencionando apenas cores óbvias, laranja, verde, amarelo. Pedimos então que estimulassem mais a imaginação e a criatividade, porque afinal de contas estávamos a trabalhar com histórias e no maravilhoso mundo das histórias tudo acontece e nada é o que parece e nós temos esse poder, o poder de transformar o que quisermos, naquilo que nos apetecer. Pedimos então que fossem mais precisos, “- Vermelho de quê?”; “- Amarelo como o quê?”; “-Verde de quem?”. Aí, e já mais estimulados, começaram a associar essas cores a aspetos da natureza: “verde-alface”, “verde-ervilha”, “verde da couve”, “verde-relva”; “azul-noite”, “azul-mar”, “azul-piscina”, “azul-gelo”; “vermelho-sangue”, “vermelho-amor”, “vermelho-coração”, “vermelho-fogo”... quase todos referiram o “amarelo-sol”. Curiosamente, um menino enunciou o “amarelo-estrela”, relembrando e bem, que o Sol é uma estrela, elevando ambas as ideias a um mesmo referente. Um outro aluno enumerou o “verde-pântano”. Esta associação chocou um bocadinho os colegas, que preferiram enunciar o “verde-musgo” ou “verde-garrafa”. Deu-se ainda o caso de quase todos atribuírem a cor rosa-choque ao magenta, demonstrando dificuldade em associá-lo a um objeto. Decidimos fazer referência a Violetta, personagem da série juvenil da Disney que utiliza muitos tons de rosa. Sugerimos a associação ao batom da mãe, no entanto, fomo-nos apercebendo de que são muito poucas as mães que colocam batom, sentindo-se neles algum constrangimento em associar a cor rosa ao referente, o batom.

Ainda na linha das frutas e legumes, quase todos associaram a cor laranja ao fruto que partilha do mesmo nome, ou à cenoura; o verde-escuro foi

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

amplamente associado às árvores e à cor das folhas das árvores e das plantas. Notaram-se frequentemente breves segundos de hesitação e de falta de criatividade, sentindo-se os constrangimentos inerentes à falta de associação das cores a diferentes referentes, contudo, assim que algum aluno mencionava alguma ideia, logo outro associava uma outra ideia. Pareciam ajudar-se mutuamente neste processo, que à partida seria simples, mas que acabou por se revelar difícil, sobretudo para os mais pequenos, do primeiro e segundo ano. Não querendo arriscar conclusões precipitadas, provavelmente esta dificuldade dever-se-á ao facto de estas crianças possuírem poucas experiências significativas, pouco conhecimento do Mundo, pouco contacto com outras realidades, outros conceitos, outros mundos que não os seus. Além disso, seria de esperar maior eficácia nas associações, no entanto, crê-se que as inúmeras associações a frutas e legumes estejam relacionadas com o facto de praticamente todos os alunos almoçarem na escola, beneficiando inclusive de uma ementa bastante variada e colorida, o que acaba por lhes dar algum conhecimento na área alimentar em detrimento das outras.

Numa fase posterior do diálogo, e quando questionados acerca da imagem da capa e tendo-lhes sido lido o título da obra “Uma história cheia de cor”, facilmente associaram a história às cores, à paleta de cores, concluindo imediatamente que esta seria uma história com cores. Alertámo-los para o facto de que no mundo da literatura nos socorremos inúmeras vezes de objetos do dia-a-dia, de animais, para tratarmos certas temáticas. Após esta afirmação, um aluno do 4º ano associou as cores a monstros, provavelmente porque quer na capa quer nas guardas do livro, as cores aparecem grafadas como manchas. Manchas com braços abertos e múltiplas expressões faciais, podendo facilmente ser vistas como pequenos monstros. Esse menino afirmou então que esta história seria uma história sobre monstros, diferentes monstros. Monstros dos diferentes medos.

Curiosamente, este menino é uma criança bastante agitada, que perde muito tempo na sala de aula a fabricar armas. Armas recicladas e utilizando sempre materiais de desperdício. Não se pode dizer que este menino não tenha imaginação, tem muita, contudo, procura canalizar os seus medos e as suas frustrações para aqueles objetos violentos. Fabrica constantemente esses objetos que depois usa para lutar lutas imaginárias claro está, com os seus

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

medos, as suas angústias, as suas derrotas, as suas perdas, as suas frustrações, acabando por prejudicar enormemente o seu percurso académico, já que vive o dia letivo nessas lutas. Só não o faz quando a Professora se aproxima para o repreender ou para conversar consigo sobre o que o aflige, acabando por se sentar ao seu lado para que se sinta observado, esperemos que mais protegido, e possa assim terminar as suas tarefas escolares. A verdade é que este menino passa muitas horas do seu dia sozinho em casa ou com o irmão mais velho, que não tem paciência nenhuma para o ouvir ou para conversar com ele, já que a mãe faz um horário de trabalho noturno, incompatível com o seu. Portanto, esta é uma criança que passa demasiado tempo em frente à televisão, vendo séries e desenhos animados demasiado violentos e sem vigilância de um adulto que filtre e selecione os programas a que ele poderá assistir, conversando com ele e desmistificando alguns medos e alguns conceitos que poderá ter criado. Provavelmente, também se sentirá um pouco abandonado pela mãe e pelo próprio irmão, já que do pai sabe muito pouco ou quase nada.

Contudo, a sua resposta não deixa de ser interessante, de ser uma constatação pertinente, fazendo-nos concluir, mais uma vez, da enorme importância da literatura na formação do indivíduo e até, na compreensão e expiação dos seus medos, dos seus anseios, dos seus fracassos.

Quase todas as outras crianças referiram-se àquelas manchas como sendo cores. Alguns referiram-se inclusive às cores do arco-íris, ficando muito próximos da versão contada pelo autor. Mencionaram então que esta história falava sobre cores. Era um problema com cores, das cores que já existiam, das cores que nasceram, de quando as cores foram inventadas, versões que se aproximam muito da parte inicial da história mas não da ação particular da história, da temática que é tratada ao longo das linhas.

Num momento posterior, e quando questionados acerca da forma como queriam chamar a história, foi-lhes pedido que sugerissem novas formas de a começar, de maneira a não tornar a atividade repetitiva, monótona e pouco atraente. Um número significativo de alunos sugeriu a expressão “Era uma vez...”, as três palavras mágicas que possuem o dom de abrir as portas ao maravilhoso mundo das histórias. Outros meninos sugeriram ainda, “Há muito, muito tempo...”, “Um belo dia...”, “Ao romper da manhã...”, “No maravilhoso

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

mundo das cores...”, provavelmente associando ao título. Pedimos então que escolhessem uma forma de iniciar a história, caso contrário, aquela história entraria para a História como sendo a história mais curta da História das histórias. Os mais crescidos entenderam perfeitamente o trocadilho, achando-lhe imensa piada e concordando imediatamente. Os mais pequenos ficaram um pouco confusos e precisaram que lhes repetíssemos o trocadilho e o esmiuçássemos, de maneira a entenderem melhor o seu significado.

Depois de terem escolhido a forma de iniciar esta história, “Era uma vez, no maravilhoso mundo das cores...” demos então início à narração.

Foi curioso constatar que, ao contrário das outras sessões, os meninos do 2º ano se mostraram muito atentos durante a narração da história, fazendo observações muito pertinentes, mostrando-se mais imaginativos e mais criativos. Todos eles revelaram uma enorme piedade pelo Índigo, a cor diferente e maltratada pelas outras cores do ateliê do pintor Vicente.

Os meninos do 1º ano mantiveram a mesma postura, revelando-se ainda muito irrequietos, faladores, impertinentes, interrompendo constantemente a narração da história e sem conseguirem ainda mediar as suas intervenções em função da situação. Mantiveram o mesmo comportamento egocêntrico, atropelando-se uns aos outros nas intervenções que faziam. Intervenções estas, muitas das vezes despropositadas e descontextualizadas. Falavam muito sobre o seu vestuário, sobre as peças de roupa que tinham com as mesmas cores das utilizadas na história ou então interrompiam a narração ou os colegas para referir algum facto do seu dia-a-dia em particular e que nada tinha a ver com o tema ou o diálogo que se estabelecia no momento. Contudo, quando passamos à dinamização da atividade (laboratório de cores), aí sim, mostraram-se mais respeitadores, mais cumpridores das regras, mais afetuosos, mais empenhados e mais concentrados na atividade.

No que diz respeito aos alunos do 4º ano, pudemos constatar duas respostas comportamentais completamente opostas.

Uma turma que é tida como conflituosa, violenta, agressiva, desrespeitadora das regras e sempre envolta em vários problemas, manteve uma postura bastante adequada durante toda a atividade. Fizeram observações muito pertinentes, mostraram-se muito piedosos com a cor que era posta de parte, revelando mesmo simpatia e solidariedade para com aquela

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

cor vítima de bullying, adotando uma atitude bastante proativa quer dentro da sala de aula quer na biblioteca da escola aquando da dinamização do laboratório de cores.

A outra turma do 4º ano, ao contrário do que seria esperado, estava muito agitada, atropelavam-se uns aos outros nas inferências que faziam, nas intervenções que realizavam, o que não é muito habitual entre eles. Curiosamente, durante a dinamização do laboratório de cores foram muito mais criativos mas ao mesmo tempo, os mais barulhentos, os mais perturbadores. Nem sequer conseguiam ouvir a música da caixinha de música que havíamos colocado a tocar durante a dinamização do laboratório de cores, precisamente para criar um ambiente mais calmo durante a atividade. Com esta medida, procuramos perceber se a utilização da música faria alguma diferença no estado de espírito dos alunos durante o manuseamento dos materiais, mantendo-os mais calmos, mais concentrados, o que de facto, se veio a verificar. Afinal de contas, estávamos a criar arte, associando diferentes formas de expressão artística, a pintura, a música, a literatura, interligadas entre si com um fim único – a formação de um sujeito-leitor.

Neste momento, torna-se importante referir que, no final da atividade, e apesar de se mostrarem criativos, experimentando as diferentes tintas e os diferentes pinceis, fruindo do momento, e quando pensávamos já terem terminados as suas obras, verificamos que a ânsia de experimentar diferentes tintas e criar diferentes tonalidades, assim como a curiosidade em saber o que dali iria resultar e em aproveitar o momento para pintar e usar “tintas de verdade”, acabou por fazer com que criassem uma enorme mancha de tinta, a maior parte das vezes num tom castanho ou esverdeado. Não querendo aqui usar de juízo crítico ou castrador de qualquer expressão de arte, aquela ânsia por criar e experimentar tudo e aproveitar o momento ao máximo, fez com se no início tinham desenhos muito bonitos com casas, flores, heróis de banda desenhada, carros, autoestradas, castelos, a certa altura, acabaram por estragar tudo e transformar bonitas telas em verdadeiras manchas esverdeadas e acastanhadas.

Esta situação só nos veio mostrar que aquele tipo de atividade lhes foi tão prazerosa que deve, efetivamente, ser repetida o maior número de vezes possível, no sentido de lhes sermos capazes de proporcionar mais momentos



## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

de um colorido inventar, educando-os no sentido de perceberem quando parar, promovendo igualmente uma autoavaliação de si próprio e do seu trabalho.

Convém ainda referir que, mais uma vez, o tempo disponível à execução deste laboratório de cores com as sete turmas (60 minutos) se revelou claramente insuficiente, como aliás, tem acontecido com todas as atividades dinamizadas. No entanto, torna-se indispensável referir a enorme disponibilidade dos alunos que prescindiram dos seus momentos de brincadeira, os ansiados recreios, para poderem passar mais algum tempo na biblioteca, experimentando, criando novos tons, pintando, desenhando e compondo o painel da sua turma.

Esta atitude, que muito nos surpreendeu, veio apenas mostrar-nos que estas crianças, quando devidamente estimuladas e motivadas, se entregam completamente às tarefas que para eles temos preparadas. Mais, momentos houve em que se juntavam alunos dos diferentes anos de escolaridade no exíguo espaço da biblioteca para juntos pintarem e criarem uma bela e colorida tela. Estes momentos de rara comunhão muito nos comoveram, ensinando-nos que não é preciso mais do que uma mão cheia de tintas e pinceis, alguns metros de papel de cenário e uma caixinha de música para que a magia se dê.

### **Após a dinamização das sessões:**

Este tipo de sessão teve um impacto tão positivo nas crianças que deveria ser repetida sempre que possível. É o tipo de atividade que se nota claramente os alunos sentirem falta, havendo-nos surpreendido pela positiva, uma vez que se mostraram muito organizados, partilhando os pinceis e as tintas entre si, perguntando uns aos outros se precisavam das cores que haviam utilizado, rentabilizando assim os materiais. “- Usei amarelo. Quem precisa do amarelo” ou “- Eu preciso do laranja. Alguém tem laranja?” ou ainda, “- Usei verde. Alguém quer verde?”, se ninguém necessitasse no momento, apenas lhes pedíamos que lavassem o pincel para que pudesse ser reutilizado novamente, pedido esse a que acediam prontamente. Pode concluir-se que este foi um belo momento de partilha, até porque estavam imbuídos do espírito

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

de entreatuda e respeito mútuo e solidariedade, principalmente se tivermos em conta que esta atividade surge integrada nas comemorações do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, tendo o nosso diálogo incidido muito sobre o respeito pela diferença. Foi bonito verificar que esse diálogo continuou a ecoar dentro da cabecinha destas crianças, pois que, o comportamento deles perante a atividade foi de apoio efetivo, de entreatuda e colaboração e acima de tudo, de partilha. De partilha de materiais e de saberes. A própria postura dentro da biblioteca aquando da realização da atividade foi digna de louvar. Notou-se uma franca melhoria no comportamento durante a realização da atividade comparativamente à última atividade dinamizada. Estavam muito mais concentrados, não sabemos se por causa da utilização da caixinha de música que ajudou a manter um ambiente mais calmo, mais apaziguador, influenciando-os positivamente, se aquela relação que estabeleceram entre a música e as tintas, aquela plasticidade literária, se a própria aventura pela plasticidade literária que a música e as tintas ajudaram a conduzir, os ajudou igualmente a acalmarem-se e a produzir sentimentos de serenidade, de respeito, de pacificidade para consigo e para com os outros. Sentia-se efetivamente um ambiente muito calmo na biblioteca, um ambiente mais relaxado, colorido, alegre, de muita risada e diálogo entre todos. Até porque, as poucas tintas que existem na Escola, assim como o exíguo número de pinceis obrigaram, a certa altura, a que tivessem de suspender a atividade momentaneamente para se deslocarem ao lava-loiça e lavarem os pinceis. Toda esta logística obrigou, acima de tudo, a que se desenvolvessem atípicos laços de respeito e partilha entre eles. Todos estes movimentos foram surpreendentemente realizados de forma muito ordeira e organizada. Não sujaram o lava-loiça todo nem o espaço envolvente. Foram muito cuidadosos e ajudaram até a limpar o chão da biblioteca que acabava sempre por ficar sujo com a utilização das tintas, no final da atividade.

Tentando olhar para estas crianças de forma distanciada e com olhar de investigador e não de docente, apercebemo-nos de que hoje, neste dia, com esta atividade, estas crianças ofereceram-nos um comportamento diferente do habitual. Estavam mais solidários e meigos uns com os outros. Não sabemos se este comportamento terá sido influenciado pela situação discriminatória vivida pela personagem principal da história, o Índigo, situação esta que

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

reconhecemos ser muito vivida também por estas crianças, nas mais variadas situações.

É que, no final da narração da história e quando questionados se concordavam com o que as outras cores do ateliê haviam feito ao pobre Índigo apenas por ser diferente, marginalizando-o, maltratando-o, colocando-o de parte, todos respondiam que não. Que haviam sido muito malvados e mereciam castigo. Todos diziam que “- Era errado o que lhe fizeram”, “- coitadinho do Índigo”... via-se estampada nos seus rostos uma expressão de piedade e comiseração para com o Índigo. O caráter de subjetivação que a literatura oferece ao leitor estava aqui claramente patente a todos os níveis. Todos eles sofreram a dor de se ser desrespeitado e maltratado pelos companheiros do ateliê. Contudo, quando se reportou essa mesma situação de desrespeito e maltrato para o cotidiano deles, principalmente os alunos de 4º ano, infelizmente e para grande desagrado nosso, referiram que uma situação não tem nada a ver com a outra. “- Uma coisa é o Índigo, que é uma cor, outra coisa somos nós”, rindo e referindo-se ao Índigo como alguém que “não se pode defender, mas nós sabemos nos defender”. Quando questionados sobre o desrespeito que estavam a assumir uns pelos outros, apenas se riam, encolhendo os ombros, mostrando até uma certa cumplicidade na violência que desferem uns contra os outros, realidade esta que nos parece muito triste. Por um lado, mostravam solidariedade para com a dor do Índigo, por outro, recuavam, revelando que a realidade da escola e do bairro é muito mais dura do que a do Índigo no livro e que eles têm de ser fortes e defenderem-se, seja a que custo for.

Esta situação leva-nos a tecer novas considerações acerca do papel da literatura na escola e na formação da criança enquanto sujeito-leitor. Conseguiremos nós, através da literatura, alterar mentalidades, comportamentos e respostas sociais ou conseguiremos apenas fazê-los reconhecer o certo e o errado, sem contudo, nunca o porem em prática? Ou colocando-os em prática apenas em benefício próprio?

Conseguiremos nós promover uma educação de respeito e entrelaçada para além das paredes da Escola e sem o olhar atento do Professor? Sem as palavras que encaminham e encorajam à mudança? Ou continuarão estas práticas e estas palavras a ecoar apenas na Escola, sendo esmagadas e

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

estraçalhadas pela dura realidade que se lhes apresenta? Por uma realidade que lhes tolda o pensamento e a razão e os faz fintar as voltas da vida de acordo com as suas necessidades individuais e egocêntricas?

Que peso à palavra? Que importância ao Professor e aos seus conselhos, aos seus ensinamentos, às suas indicações de viagem?

Por que esta atividade foi tão bem recebida pelas crianças e estas lhe dedicaram tanto cuidado, decidimos criar um painel desconstruído com todas as criações artísticas de todas as turmas. Assim, e com a ajuda da docente do 4º ano B, criamos um puzzle intitulado “As cores de que somos feitos”. O objetivo de criarmos um puzzle foi o de, e tendo em conta que a temática abordada na obra literária havia sido a diferença e o respeito por essa mesma diferença, porque não brindar à diferença, com um puzzle no qual todas as peças correspondem aos trabalhos de cada uma das turmas individualmente. Quando juntos, compõem uma bela e colorida ode à diferença que termina por ser igualitária, se lhe abrimos as portas do nosso coração.

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

**Anexo Q – Fotografias das sessões**



Narração da história aos alunos do 1º ano A



As primeiras experiências

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



Produções individuais dos alunos do 2º ano





O D. lê a história em voz alta aos colegas mais novos, para que não esqueçam nenhum pormenor importante.





Navegando por entre sonhos, palavras e cores





*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



Pelas estradas do saber

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



Traçando com régua e esquadro as peças do puzzle



<p align="center"><b>Plano de ação da 4ª oficina – Alinhavando os tecidos de todas as histórias</b></p> <p align="center"><b>Duração: 60 minutos</b> <span style="float: right;"><b>Ano: 1º/2º/3º/4º anos de escolaridade</b></span></p>				
<p align="center"><b>ATIVIDADE 1 – Ateliê de costura</b></p>				
Conteúdos	Descritores de Desempenho	Percurso da sessão	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Exploração de técnicas diversas de expressão:</p> <p>- Tecelagem e Costura</p>	<p>Ativar conhecimentos prévios sobre diferentes tipos de tecidos e texturas</p> <p>Tecer tecidos utilizando agulha) (em e</p> <p>Desenvolver a coordenação óculo-manual;</p> <p>- Desenvolver a capacidade de transformação e criação de novos objetos.</p>	<p>Para dar início a esta sessão a dinamizadora irá encetar um diálogo com os alunos no sentido de lhes explicar que esta sessão irá ter uma dinâmica diferente daquela a que estão habituados – em vez de começarem pela antecipação da história, irão construir as personagens de que fala a história. Contudo, esta mesma construção obedecerá a outras regras, ao invés de se utilizar papel e lápis, utilizar-se-ão tecidos, linhas e agulhas promovendo-se assim um verdadeiro ateliê de costura.</p> <p>Dispor-se-ão sobre as mesas diferentes tecidos com diferentes texturas para que, de forma livre, os alunos encontrem o tecido com que melhor se identifiquem, aquele que esteja mais de acordo com os seus gostos pessoais e a sua personalidade.</p> <p>Posteriormente, serão fornecidos aos alunos moldes em cartão das personagens da história para que estes os decalquem para o tecido previamente escolhido e comecem a construir a sua própria personagem. Terminada esta fase, e com a ajuda da dinamizadora, os alunos deverão começar a juntar as partes da personagem da sua história (base, laterais ou barriga, orelhas e cauda do ratinho), cosendo-as com agulha e linha. Este deverá ser um trabalho individual, atendendo ao grau de complexidade que exige e ao facto de não estarem a ser utilizados materiais do dia-a-dia escolar dos alunos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caixinha de música</li> <li>- Retalhos de diferentes tecidos com diferentes texturas</li> <li>- Linhas de várias cores</li> <li>- Lãs</li> <li>- Agulhas</li> <li>- Moldes em cartão das diferentes personagens da história</li> <li>- Tesoura</li> <li>- Cola quente</li> <li>- Material de enchimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atitudes</li> <li>- Comportamentos</li> <li>- Pertinência das intervenções</li> <li>- Sentido crítico</li> <li>- Empenho</li> </ul>

<p align="center"><b>Plano de ação da 4ª oficina – Alinhavando os tecidos de todas as histórias</b></p> <p><b>Duração: 60 minutos</b> <span style="float: right;"><b>Ano: 1º/2º/3º/4º anos de escolaridade</b></span></p>				
<p align="center"><b>ATIVIDADE 2 – Ateliê de escrita criativa</b></p>				
Conteúdos	Descritores de Desempenho	Percurso da sessão	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Vocabulário</p> <p>Planificação de textos</p> <p>Texto narrativo, descritivo, expositivo, conversacional</p>	<p>Mobilizar conhecimentos prévios</p> <p>Planificar textos de acordo com o objetivo, o tipo de texto e os conteúdos</p> <p>Redigir textos (de acordo com o plano previamente elaborado, respeitando as convenções (orto)gráficas e de pontuação</p>	<p>A dinamizadora iniciará a sessão interagindo com os alunos no sentido de estimular a memória afetiva de cada um para as experiências vividas aquando da escolha dos tecidos e lembrando igualmente as personagens que começaram a construir com tecidos e linhas.</p> <p>A cada um deles será pedido que estimulando a imaginação e a criatividade, procurem construir histórias cimentadas na experiência que aquelas personagens poderão ter vivido.</p> <p>Por esta altura dever-lhes-á ser mostrada a capa e o título da obra que irão explorar posteriormente, para que esta sirva igualmente de estímulo visual à narrativa que irão produzir.</p> <p>Deverá ser distribuído aos alunos um guião para orientação da escrita, no qual estes possam refletir sobre os diferentes componentes da narrativa (personagens, espaços, ação, desfecho) e estrutura da narrativa (introdução, desenvolvimento e conclusão)</p> <p>Terminada a fase de planificação do texto, os alunos deverão passar à escrita do mesmo. Pretende-se que os alunos pensem ativamente sobre o tipo de discurso</p>	<p>- Livro “Frederico”, de Leo Lionni</p> <p>- Caixinha de música</p> <p>- Personagens criadas pelos alunos em tecido</p> <p>- Guião de escrita</p> <p>- Lápis</p> <p>- Borracha</p>	<p>- Atitudes</p> <p>- Comportamentos</p> <p>- Pertinência das intervenções</p> <p>- Sentido crítico</p> <p>- Empenho</p>



<p align="center"><b>Plano de ação da 4ª oficina – Alinhavando os tecidos de todas as histórias</b></p> <p><b>Duração: 60 minutos</b> <span style="float: right;"><b>Ano: 1º/2º/3º/4º anos de escolaridade</b></span></p>				
<p align="center"><b>ATIVIDADE 3 – Frederico, um sonhador de palavras</b></p>				
<b>Conteúdos</b>	<b>Descritores de Desempenho</b>	<b>Percurso da sessão</b>	<b>Recursos Materiais</b>	<b>Avaliação</b>
<p>Leitura recreativa</p> <p>Comparação de diferentes versões da mesma história</p>	<p>Ler livros de literatura para a infância e juventude</p> <p>Mobilizar conhecimentos prévios</p>	<p>A dinamizadora iniciará a sessão com um diálogo ativando a memória afetiva dos alunos e promovendo a ativação de conteúdos anteriores, nomeadamente, sobre o trabalho de tecelagem que têm vindo a desenvolver e as composições escritas que têm vindo a fazer no sentido de “adivinharem” o conteúdo da obra.</p> <p>De seguida, a dinamizadora procederá à narração da obra “Frederico”, de Leo Lionni para que os alunos fiquem finalmente a conhecer o tema que tanto interesse lhes tem suscitado.</p> <p>Terminada a narração, iniciar-se-á um diálogo coletivo estimulando os alunos à comparação das diversas versões da história por eles produzidas, dissecando-se as diferenças e as aproximações entre ambas e principalmente, ativando processos de identificação com a obra e subjetivação a partir do texto literário.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro “Frederico”, de Leo Lionni</li> <li>- Caixinha de música</li> <li>- Antecipações escritas pelos alunos</li> <li>- Personagens criadas pelos alunos em tecido</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atitudes</li> <li>- Comportamentos</li> <li>- Pertinência das intervenções</li> <li>- Sentido crítico</li> <li>- Empenho</li> </ul>

<p align="center"><b>Plano de ação da 4ª oficina – Alinhavando os tecidos de todas as histórias</b></p> <p><b>Duração: 60 minutos</b> <span style="float: right;"><b>Ano: 1º/2º/3º/4º anos de escolaridade</b></span></p>				
<p align="center"><b>ATIVIDADE 4 – Mobiles com história</b></p>				
Conteúdos	Descritores de Desempenho	Percurso da sessão	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Leitura recreativa</p> <p>Construções</p> <p>Jogos Dramáticos:</p> <p>Linguagem</p>	<p>Ler livros de literatura para a infância e juventude</p> <p>Ligar/colar/atar/agrafar/ pregar elementos para uma expressão;</p> <p>Construir novos objetos utilizando materiais ou objetos recuperados;</p> <p>Participar na elaboração oral de uma história;</p>	<p>A dinamizadora iniciará dará início à sessão promovendo o diálogo e o reconto oral da oral explorada – “Frederico”, de Leo Lionni, promovendo a memória afetiva e auditiva e ativando conteúdos anteriores.</p> <p>De seguida, serão distribuídos aos alunos fio de pesca e a personagem que cada um deles criou, no sentido de se construírem mobile da história compostos pelas personagens criadas pelos alunos (Frederico, seus irmãos) e pelos adereços que dela faziam parte (miosótis e girassóis). Cada turma ficará responsável pela criação de um mobile que depois ficará afixado na respetiva sala de aula.</p> <p>Por questões de segurança, deve ser a dinamizadora a montar o mobile, solicitando a ajuda dos alunos apenas na inserção das personagens e adereços no mesmo, com fio de pesca.</p> <p>Numa fase posterior da sessão, os alunos serão convidados a dar vida às personagens da história promovendo-se assim um momento de criação e</p>	<p>- Livro “Frederico”, de Leo Lionni</p> <p>- Caixa de música</p> <p>- Personagens criadas pelos alunos em tecido</p> <p>- Barras em madeira (mobile)</p> <p>- Cola de madeira</p> <p>- “Camarões” de suporte às personagens</p> <p>- Fio de pesca</p>	<p>- Atitudes</p> <p>-Comportamentos</p> <p>- Pertinência das intervenções</p> <p>- Sentido crítico</p> <p>- Empenho</p>

## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

verbal e gestual	Improvisar palavras, sons e atitudes, constituindo sequências de ações, situações recriadas a partir de uma obra.	fruição através da expressão dramática. Os alunos poderão ser divididos em grupos de 4-5 elementos, sendo-lhes dadas indicações de que deverão improvisar quer as personagens quer as situações da história. Deverá ser-lhes dado tempo suficiente para que possam discutir ideias e sugestões dentro do grupo e ensaiar a produção. Aos alunos deverá ser dada liberdade para decidirem se dramatizam as personagens da obra de Leo Lionni ou as personagens da história por eles criada numa sessão anterior. No final da sessão, os alunos deverão apresentar aos colegas a dramatização por eles imaginada.		
------------------	---	--	--	--



## **Anexo S**

### **4ª oficina: Alinhando os tecidos de todas as histórias...**

Com o início do 2º Período letivo, novos desafios e novas conquistas se impõem. Belos e renovados romances se irão desfiar, novas linhas se irão tecer, magníficos sonhos e resistentes laços esperamos fiar.

Um dos maiores obstáculos com que nos deparamos ao longo do 1º Período e no decorrer das primeiras três sessões foi sempre a falta de tempo para a dinamização das atividades. Continuamos a usufruir de apenas 60 minutos diários, contudo, e porque já rejubilamos ao perceber que estes alunos estão motivados e dispostos a prescindir de alguns dos momentos de brincadeira a que têm direito em prol da nossa Pedagogia do Deslumbramento, sentimo-nos no direito de nos sentirmos ainda mais motivadas e dispostas a deslumbrar, sendo igualmente, deslumbradas.

Para o conjunto de 4 sessões que agora se iniciam decidimos trabalhar a obra intemporal de Leo Lionni, *Frederico*.

A escolha desta obra prende-se pura e simplesmente com o facto de que Frederico é o ícone personificador de toda a nossa Pedagogia. Pela palavra, ele consegue saciar a fome a um grupo de ratinhos esfaimados. Pela palavra torna-se o poeta que aquece os coraçõezinhos enregelados pelo frio e demorado inverno. Pela palavra e com a palavra, Frederico deslumbrava toda uma plateia, outrora descrente e desacreditada, surgindo como um verdadeiro herói, agora aclamado de poeta.

Uma linda história de cientistas dos sonhos, de criadores de sois, de inventores de alegres e coloridos miosótis. Uma história deslumbradora, a ferramenta perfeita para quem deseja desempenhar o ofício de deslumbrar.

## **Operacionalização:**

### **1º/2º A**

Para dar início ao estudo da obra, nada como começar de forma inesperada. Para atividade de exploração do momento “Antes da Leitura” e igualmente, servindo de mote à antecipação da própria história de Leo Lionni, decidimos realizar uma oficina de tecelagem.

O intuito desta oficina seria o de envolver os alunos no mágico e agitado muro dos ratinhos do campo de que versa a história. Imbricá-los na ação, fazê-los sentir as personagens, os seus lugares de atuação, sempre conduzidos pelo ziguezaguear da agulha sobre os tecidos que irão compor esta bela paisagem. Assim, começamos por preparar a sala onde a atividade iria decorrer.

Quando questionamos os alunos sobre o motivo de ali estarem e o que iriam fazer, responderam prontamente “ler uma história?”. Respondemos então que nesta sessão não iríamos ler uma história, que iríamos começar de uma maneira um pouquinho diferente. Explicamos que se era um ano novo, iríamos experimentar coisas novas. Colocou-se a caixinha de música a tocar e começamos por explicar no que iria consistir a atividade. Explicamos que iríamos começar por construir as personagens da história. Cada um deles iria criar uma personagem da história, fazer nascer pelas suas mãos as personagens da história que com certeza lhe iria tocar o coração. Iríamos utilizar tecidos, linhas, agulhas,... criar um verdadeiro ateliê de costura. Assim, ao invés de criarmos o fio que conduz a história do livro e a leva até à mão e depois ao coração, iríamos coser as linhas da história no próprio tecido das personagens que a contam.

Ao explicar-lhes que materiais iriam utilizar, um dos alunos do 2º ano A, começou logo a dizer que sabia coser e que “era só fazer assim...”, recriando os movimentos de quem cose com agulha e linha. E enquanto os advertíamos para o facto de que teriam de usar de extrema precaução, porque as agulhas são perigosas, logo interromperam informando que sabiam como se desenrolava todo o processo: “- Ah, eu sei como é. Há lá um “chugo” (buraco) bué pequenino e nós temos de enfiar lá a linha. Mas tem de ser uma linha muito fininha pra caber lá.” Logo outros começaram a dizer que as mães

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

também faziam o mesmo ou que as avós fazem tricô, imitando igualmente o movimento e o som das agulhas de tricotar.

Continuamos o diálogo, afirmando que, efetivamente, as mães e as avós sabiam manusear corretamente todas as agulhas e linhas que enumeraram, contudo, e porque na escola não estamos habituados a utilizar esse tipo de materiais, iríamos fazer de conta que éramos alfaiates e costureiras de verdade e que só depois das personagens estarem prontinhas é que iríamos tentar descobrir que história é que aquelas personagens nos contam.

Depois deste diálogo introdutório, passamos a explicar os passos em que consistia a atividade. Em primeiro lugar, teriam de escolher o tecido com que iriam costurar a sua personagem, selecionando o tecido que achassem mais apropriado. Logo interromperam, questionando-nos acerca do significado da palavra “apropriado”. Tratamos de explicar que nos referíamos ao tecido que consideravam mais adequado, mais certo, que estava mais de acordo com os seus gostos e as suas preferências.

Explicámos que iríamos construir ratinhos, porque a nossa história tinha ratinhos. Mostraram contentamento e perguntaram se tinha ratinhos como a história dos ratinhos. Enquanto lhes explicávamos que para isso dispunham de moldes, um dos alunos afirmou: “- Adoro moldes!” No entanto, a maior parte deles mostrou imediata preocupação questionando-nos se haveria moldes para todos ou se teriam de esperar.

De seguida, mostrámos os moldes aos alunos para que entendessem que estes correspondiam às diferentes partes do ratinho: a base ou barriga, o próprio corpo, as orelhas e a cauda. (cf. Anexo U)

No decorrer de todo o diálogo introdutório e explicativo da sessão, mostraram-se serenos de início, o que confirma a certeza de uma melhoria crescente no comportamento, no entanto, com o decorrer da sessão e assim que tomaram conhecimento da realização de um ateliê de costura, começaram a ficar mais agitados e bastante extasiados perante a possibilidade de virem a costurar, eles mesmos, um tecido, uma peça de vestuário, uma personagem.

O primeiro passo para a confeção das personagens é a escolha dos tecidos. Quando informados sobre essa situação, questionaram-nos prontamente se seriam eles a escolher os tecidos e se todos eles iriam escolher os seus tecidos. Anuímos, aproveitando para os alertar para o facto

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

de que cada um deles deveria escolher o seu tecido em função das suas preferências e não de acordo com as preferências dos outros colegas. Se iriam criar o seu próprio ratinho, este deveria nascer em função de cada um deles, da sua personalidade, seria portanto, uma projeção do próprio Eu, e não uma cópia do Eu do Outro. “- O ratinho que irá nascer da vossa imaginação e que está dependente da vossa vontade de fazer com que ele nasça.”

À medida que íamos avançando, e chegada a altura de escolher os tecidos, alguns alunos começaram a confessar, com um ar extremamente preocupado que não sabiam coser. Logo tratamos de os tranquilizar, dizendo-lhes que não se preocupassem, porque estávamos ali para os ensinar. Percebemos, igualmente preocupação na escolha do tecido mais apropriado à construção da sua personagem. Demoraram-se bastante na escolha dos tecidos que manuseavam, viravam, colocavam na sua frente, fazendo antever um vestido ou um colete, ou até uma gravata.

Foram-lhes distribuídos os moldes das diversas partes do ratinho e como estavam preocupados em criar uma personagem perfeita e o mais semelhante possível a cada um deles, revelaram-se extremamente cuidadosos no decalque e recorte dos moldes, pedindo constantemente ajuda para essas tarefas, tão rotineiras.

Devemos agora fazer uma pausa nesta reflexão para discorrer sobre uma situação com a qual não contávamos mas que se revelou extremamente enriquecedora e verdadeiro motivo de deslumbre.

Na dinamização da primeira sessão, e porque continuamos a dispor do mesmo tempo de trabalho (60 minutos), não conseguimos selecionar os tecidos com todos os alunos nem tão pouco começar a coser as diferentes partes do ratinho que selecionamos.

No dia seguinte, decidimos voltar a trabalhar com a mesma turma para que pudessemos terminar o trabalho que havíamos iniciado na aula anterior. E, numa tentativa de ativar os conhecimentos mobilizados na última aula perguntámos aos alunos se na tarde anterior quando se foram embora para casa, não tinham ficado a pensar na história dos ratinhos que íamos criar. Qual não foi a nossa surpresa ao ouvir alguns alunos responderem: “ – Ah, sim. Eu ontem à noite sonhei com eles!”. Perante o nosso espanto, decidimos explorar

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

aquela ideia, questionando-os acerca do sonho que haviam tido. A realidade é que alguns desses alunos construíram uma verdadeira história em torno dos ratinhos que falámos ir construir, cruzando-a com o mundo dos sonhos e da imaginação a eles inerente.

Destacam-se agora alguns desses “sonhos”:

A.: “- Eu sonhei que dava tudo quê que eles queriam.

Nós: - Davas tudo o que eles queriam aos ratinhos?

A.: “- Sim.”

A.: “- Dava sempre queijo, queijo, queijo...”

Nós: - Pois, porque é o alimento preferido deles, não é? E depois?

A.: “- Depois que quando eu vinha “pa” escola, eu deixava os meus pais tomar conta dele.”

Nós: - Que engraçado. Então quer dizer que tu sonhaste que o ratinho que ias fazer aqui na escola ias levar para casa, era?

A.: “- Sim.”

Nós: - E ias tomar conta dele?

A.: “- Sim.”

Nós: - Olha e diz-me uma coisa. Onde é que tu achas que este ratinho vivia?

A.: “- No esgoto.”

Nós: - Num esgoto?

A.: Sim, porque eles vivem num esgoto.

Nós: - Nem todos.

D. e A.: “- Alguns vivem em casa. E em campos.”

Nós: - Exatamente.

Al.: “- Alguns vivem numa loja de animais, que eles vivem.”

Nós: - Sim, é verdade. Estão lá à venda.

- Mas, olha, A., diz-me uma coisa. De que cor era o teu ratinho?

A.: “- Era cinzento.”

Nós: - Cinzento? Mas tu escolheste o tecido preto...

A.: “- Porque eu gosto mais do preto. Não gosto muito do cinzento.”

Nós: - Mas olha, os ratinhos que tu tens na tua ideia são sempre cinzentos, é?

...

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

Outro sonho:

Nós: - Conta lá tu, D. o que é que levaste na ideia da conversa de ontem?

D.: “ – Levei assim que era, que era assim. Gnomos e depois “tavam” a guardar o queijo todo e que “tavam” e os ratinhos eram “protetadores” do queijo. E depois quiseram e começaram a lutar e no último perceberam que não era preciso lutar e partilhavam o queijo.”

Nós: - Ah, vêes que ideia bonita. E então os gnomos vinham de onde?

D.: “ – Vinham do, do, dum planeta.”

Nós: - Dum planeta distante?

D.: “ – Sim.”

Nós: - Qual planeta?

D.: “ – Era a Marte.”

Nós: - Então e porque é que eles vieram cá à Terra roubar o queijo dos ratinhos?

D.: “ – Porque eles viram que os pais estavam muito pobres e o dinheiro em Marte era só queijo.”

“- E depois eles tentaram roubar o queijo dos ratinhos quando eles estavam a dormir.”

Nós: - Pra melhorar a vida deles em Marte, não é?

D.: “ – Ah, ah! Sim.”

E depois os ratinhos em último dividiram o queijo e deram aos gnomos e foram para a sua terra de Marte e depois quando eles chegaram não era preciso porque o pai... depois veio assim uma pessoa que era um “encomendor” de Marte, que eles encomendaram muito, muito queijo. Depois quando ele lá chegou não foi preciso porque eles foram, foram dizer, foram comprar...

Nós: - Quem é que foi comprar?

D.: “ – As mães e os pais. Que foram assim comprarem algumas comidas. Eles compraram e deram o queijo.”

Nós: - Então quer dizer que é uma história de partilha e bondade.

D.: “ – Sim. Foi assim que eu sonhei.”

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

Curiosamente, quando este aluno, o D. trouxe o seu tecido para começar a coser, elogiámos a sua escolha (um tecido em tons branco, bege e dourado), ao que o aluno respondeu:

D.: “ – É para ficar bem, porque no meu sonho eram assim.”

Nós: - Os teus ratinhos eram assim branquinhos e brilhantinhos?

D.: “ – E com risquinhas.”

Nós: - Porquê?

D.: - “E eles tiveram todos em paz.”

Nós: - Ah, então quer dizer que escolheste o branco da paz?

D.: “ – Sim. E depois fizeram um novo planeta. Chamava-se planeta da paz!”

Nós: - Que bonito. Então quer dizer que lá viviam todos em paz?

D.: “ – Sim. As pessoas más ficaram nas suas casas e as pessoas boas foram todas viver para o planeta da paz.”

“ – E depois no planeta da paz inventou-se um pó mágico que as pessoas atiravam e as pessoas ficavam boas, em paz.”

Nós: - Quem é que atirava esse pó mágico?

D.: “ – Era o mestre da paz.”

Nós: - Quem era o mestre da paz?

D.: “ – Era o rei daqueles ratinhos que guardava o pó todo, que era feito de queijo.”

Nós: - E onde é que eles foram buscar esse pó mágico?

D.: “ – Foram buscar a Marte. E agora vou acabar, porque vou coser.”

## **Operacionalização:**

### **1º ano B**

Para a dinamização desta atividade com a turma do 1º B, pedimos à professora do Apoio para nos dispensar alguns alunos para que pudessemos começar a dinamizar a sessão. Com esta turma, é a docente do Apoio quem normalmente fica responsável pela turma no horário das 16h30 às 17h30, já que a docente titular de turma tem dispensa da componente letiva por acumular o cargo de coordenadora da escola.

Contudo, e porque esta turma é muito grande (26 alunos) e demasiado agitada, a docente do Apoio pediu-me que desenvolvesse a atividade com o grande grupo, comprometendo-se a coadjuvar na atividade.

Por este motivo, esta atividade sofreu algumas alterações à operacionalização inicialmente planeada e desenvolvida com as outras turmas.

Assim, procedeu-se da seguinte forma: A atividade foi desenvolvida no espaço sala de aula, com o grande grupo e usufruindo do auxílio da docente do Apoio que aproveitou para narrar uma história aos alunos enquanto se procedia à execução das personagens.

Procedeu-se ao diálogo inicial, explicando aos alunos a atividade que se iria desenvolver. Por esta altura, já um aluno, o R., comunicou que não iria fazer o ratinho, que não queria fazê-lo. Obviamente, informámo-lo de que estava no seu direito de não realizar a atividade, advertindo-o de que, contudo, não poderia incomodar os colegas que a desenvolvessem nem incomodar-se mais tarde por não a ter feito. “ – Prefiro ouvir só a história.”, concluiu o R.

Continuamos o diálogo iniciado com os alunos, questionando-os sobre a forma como iríamos chamar a história, lembrando-os de que as histórias permanecem no mundo delas à espera que as chamemos.

“- Vamos cantar a canção.” – disse a J.

“- Ai, é verdade. Vamos cantar a canção.”

“- E vamos guardar o “fiinho”, não é Professora?”

- Sim, vamos criar o fio na palma da mão que leva o pedacinho que mais gostamos até o nosso coração.



## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

E assim foi. Começamos por entoar a canção que chama a história (cf. Anexo E) para que a docente do Apoio pudesse dar início à narração da sua história.

Enquanto o fazia (narração) fomos trabalhando com cada um dos alunos individualmente, no sentido de começar a construir os ratinhos daquela turma.

No final da narração, estabeleceu-se novo diálogo, no sentido de aferir da compreensão que os alunos haviam feito da história contada.

Naturalmente, os sessenta minutos destinados à atividade não foram suficientes para terminar os moldes com todos os alunos, pelo que, numa próxima sessão, iremos dar continuidade a esta atividade.

Torna-se ainda importante referir que, durante a narração a maioria da turma esteve bastante atenta na escuta da história, contudo, o R., a criança que não queria construir o ratinho, manteve-se sempre bastante agitado e provocador, acicatando os colegas para que estes não prestassem atenção à história. Também o Rf. e o E. estiveram a travar lutas imaginárias durante toda a sessão.

Percebemos ainda, e talvez porque são crianças muito pequenas (a maioria com seis anos de idade) que muitos dos alunos que não conseguiram tecer ou desenhar os seus moldes ficaram tristes assim que a campainha souo o toque de saída e o fim da atividade letiva. Por esse motivo, preferimos realizar a atividade com um grupo pequeno de alunos de cada vez, pois que, dessa forma, e porque se utilizam materiais cujo manuseamento requer atenção redobrada (tesouras, agulhas, alfinetes...) podemos dar um apoio mais individualizado a cada um deles bem como uma atenção especial, promovendo, cada vez mais, a criação de laços estreitos entre o professor/animador, a criança e o texto literário.

## **Operacionalização:**

### **4º ano A**

Com os alunos do 4º ano A, tivemos necessidade de desenvolver a sessão no espaço da cantina escolar, já que fomos advertidas pela coordenadora de ciclo de que não poderíamos realizar aquela atividade em contexto escolar, já que utilizávamos materiais proibidos (agulhas). Deslocámo-nos então para a cantina da escola e demos início à sessão explicando que não iríamos começar a sessão como habitualmente costumávamos fazer, “- Cantamos uma música e depois ouvimos a história”, como referiu o G. e logo o A. acrescentou: “- Criamos o fiozinho que vem da palma da mão e vai (a história) até o coração”.

“ – Porque nós ao escrevermos com a mão, ao pegarmos o livro com a mão, quando o livro é muito bom vai da mão até ao coração. E fica feliz!” (A.10 anos)

Passando à explicação da atividade, frisámos que é importante experimentar novas histórias e novas atividades, pelo que passamos a explicar que desta vez iríamos construir as personagens da história. Em vez de as verem estampadas nas páginas do livro, iremos ser nós “a adivinhar?” – perguntou o L.R., a construir essas mesmas personagens, criando-as do zero. “ – Vamos escrever um texto?” – perguntou o T. ao que acrescentamos que iríamos utilizar tecidos.

Quando os questionamos sobre a forma como imaginariam que essas personagens iriam ser construídas, começaram a responder “com linhas”, “fazendo-as”, “desenhando-as no tecido”, ao que explicamos que iríamos utilizar moldes “ – para contar a história” – concluiu o A.

Passo a passo, e em grupo, foram planificando oralmente a construção das personagens, quase como que adivinhando o processo. Quando se aperceberam de que iriam eles mesmos coser os tecidos com agulha e linha ficaram extasiados, já que imaginavam que fôssemos nós (dinamizadora) a fazê-lo.

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

E desataram a responder desenfreadamente e atropelando-se mutuamente contando que já sabiam coser ou que nunca tinham cosido.

Continuamos explicando que, em vez de criarmos a linha na nossa mão e a levarmos até ao coração, iremos usar as linhas de verdade “- para coser a história”, acrescentaram maravilhados... O L. acrescentou ainda “ – para coser a nossa imaginação e a nossa criatividade”, prendendo-as ao tecido.

A B., imbuída da alegria que contagiou a turma disse: “- Espere, espere. Nós fazemos vários bonecos, fazemos um em cada sítio e fazemos uma grande história.” “E podemos fazer o nosso cenário.” - acrescentou. Inconscientemente, foi adivinhando e planificando toda a atividade que havíamos estruturado.

A linha iria fazer com que nós nos ligássemos às próprias personagens. Cada personagem que os alunos criarem, será então a sua personagem naquela história.

Entusiasmados e excitados, começaram a disparar uma série de questões no sentido de estilizarem e personalizarem a sua personagem: “- E podemos escolher as cores?”; “ – E podemos fazer as roupinhas?”; “ – E vamos mesmo poder vesti-las?”; “ – E como é que fazemos os olhos?”; “ – Eu vou fazer um ratinho com óculos!”

Foram a única turma que se preocupou efetivamente com pormenores relacionados com o vestuário e a personalização da personagem, no sentido de a tornarem o mais próxima de si, possível.

Quando lhes explicamos que esta atividade teria de ser realizada quase individualmente, foram muito compreensivos, concluindo “ – por isso, porque senão íamos estar todos a coser e a picar-nos, a espetar-nos...”

No seguimento desta conclusão e procurando minimizar os possíveis danos, deram a conhecer que as avós picavam os dedos a coser mas que costumavam usar o dedal para se protegerem.

Qual lhes dissemos que o tecido que iriam escolher deveria refletir a pessoa que são, única, a B. acrescentou “ – Tem a ver com a nossa alma?” Ao que o L.R. acrescentou, enriquecendo o diálogo: “ – Vamos fazer uma espécie de máscara de nós?”, “- Vamos fazer bonecos iguais a nós?”

Quando explicamos novamente que iriam utilizar os moldes e os mostramos fazendo-os perceber que as personagens desta história eram

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

ratinhos, ficaram bastante desiludidos, pois acreditavam que iriam criar “mini-eus”, miniaturas deles mesmos.

Para minimizar a desilusão, demos liberdade para criarem o ratinho e o “vestirem” com as suas cores favoritas, deixando a promessa de que iríamos efetivamente desenhar e costurar peças de roupa nos ratinhos para que estes se aproximassem o máximo possível das personagens que simbolicamente estavam já a construir.

Esta sessão terminou com a escolha dos tecidos em função da personalidade de cada um e da escolha das linhas, que serão uma espécie de ligação entre a mão que cose o tecido e a personagem que lá se molda. As ferramentas de ligação serão a agulha e a linha.

A mão que tece é a mão que lê e a mão que cria. A mesma mão que liga o texto, o mundo literário ao ser humano, que é um ser-leitor, ainda em formação.

Para que os ratinhos ficassem todos prontos foram necessárias várias horas de trabalho, muitos “turnos” à hora de almoço e no decorrer dos intervalos para que todos os alunos beneficiassem da atenção que necessitavam à construção da sua personagem. No final, todos se desfilavam pela escola mostrando o seu ratinho às auxiliares de ação educativa, ao porteiro, à cozinheira, alguns quiseram até levar para casa para mostrar aos pais, de tão orgulhosos que estavam do seu trabalho.

A **segunda atividade** desta oficina girou em torno da escrita das histórias que eles mesmos iam criando à medida que iam tecendo os seus ratinhos. Estas atividades de **escrita criativa** e antecipação da história que ainda não conheciam decorreram normalmente no espaço da biblioteca mas aqui, o entusiasmo dos alunos era tão grande que os próprios pais queriam colaborar na escrita dos textos com os filhos. Alguns alunos chegaram mesmo a trazer produções escritas em casa em conjunto com os pais – acontecimento que nos deixou deveras orgulhosas. Não eram só os meninos que se deixavam deslumbrar pelos textos, pelas personagens, pelas atividades. Os próprios pais, e porque certamente os alunos partilhavam as experiências deste deslumbramento em casa, estavam também eles, a começar a ficar deslumbrados querendo participar também destas atividades.

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

Aconteceu inclusive de um dos pais que trabalha numa carpintaria, ter cedido estruturas em madeira para a construção dos móveis da história que trabalhávamos no momento - o *Frederico*, de Leo Lionni.

Por esta altura, sentíamos-nos verdadeiros Fredericos, que, pela palavra fizemos acreditar no valor e na importância da leitura e nos tornámos capazes de fazer passar esse amor à palavra, à magia que o texto literário nos oferece, ao amor ao próximo e a si mesmo. *“Um verdadeiro deslumbramento!”*

As sessões para dramatização das histórias tecidas e para a leitura da obra que originou todo o ateliê de costura foram planificadas para serem dinamizadas em diferentes momentos, bem como a construção dos móveis, contudo, estas atividades foram acontecendo naturalmente, sem que houvesse interferência ou imposição nossa à dinamização das mesmas. Eram os próprios alunos que se propunham a dramatizar as histórias que foram criando no seu imaginário enquanto aguardava a sua vez para tecer o seu ratinho ou escreviam a sua antecipação, sempre ao som da caixinha de música.

A agitação era muita, a alegria contagiante, mas decidimos não impor momentos rígidos e inflexíveis à concretização das propostas que havíamos planificado, pois que, e sendo nós Fredericos e vivendo no espaço libertador e criador do texto literário, os alunos tinham total legitimidade para anteciparem as atividades a partir do momento em que as sentiam crescer dentro de si. E foi assim, que entre muitas horas de trabalho de costura foram nascendo a escrita, a dramatização, a narração de uma obra intemporal.

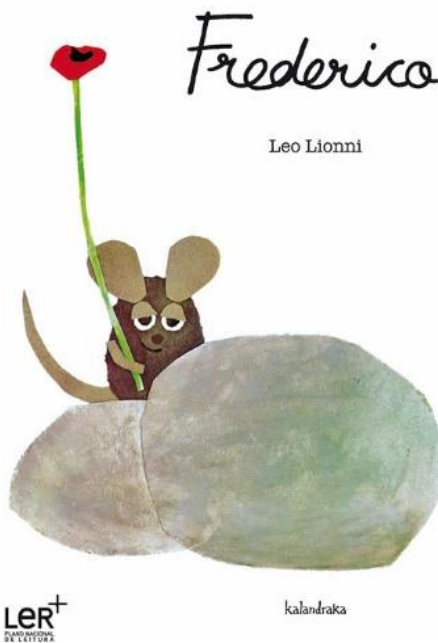
Pelas linhas que se foram tecendo nos tecidos, os alunos foram criando não só diferentes personagens como se foram recriando a si mesmos, tecendo eles próprios o seu caminho, um caminho libertador, criador, possibilitador e sempre sonhado, sempre devaneado.

**Anexo T**

*guião de escrita criativa*

- *Atividade de exploração “Antes da Leitura”*

Esta é a capa do livro que estás ansioso(a) por conhecer. O desafio que te propomos é o de partires à descoberta das palavras que este livro encerra. Faz-te um(a) sonhador(a) de palavras. Boa aventura!



Título: \_\_\_\_\_

Autor(a): \_\_\_\_\_

Editora: \_\_\_\_\_

1.1. Consegues aceder ao tema do texto apenas pelo título?

\_\_\_\_\_

1.2. Que tipo de sentimento te sugere a ilustração da capa?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1.3. Quem será “Frederico”?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

- Atividade de exploração da obra

- Experimenta construir a história do teu ratinho, apoiando-te nas indicações que te são dadas.

Personagens:		Espaço:
Principais:	Secundárias:	Onde decorre a ação:
-	-	-
-	-	-
-	-	-



Temática explorada no texto:
-

Acontecimento principal:
-





**Anexo U**

## O RATO JAMES BOND

Era uma vez um ratinho chamado James Bond que vivia numa quinta com os seus pais e a sua irmã chamada Angelina Jolie.

O sonho dos dois irmãos era serem realizadores famosos de filmes e telenovelas, pois ao pé da casa deles havia um teatro de muitas pessoas famosas.

Passado muito tempo, o sonho dos dois irmãos estava realizado e, no dia seguinte era a grande estreia do filme deles.

No dia seguinte, já estavam os dois todos arranjadinhos para a estreia e, como sempre o James e a Angelina estavam muito nervosos.

Poucas horas depois, a estreia tinha começado mas com aquela confusão ninguém não sabia onde ficar.

James Bond com toda a agitação perdeu-se e foi parar à cidade de Nova Iorque onde não conhecia ninguém, nem uma formiga!

Andou, andou e andou até que encontrou um teatro que na porta dizia:

“Este teatro irá dar ao teatro ao pé da quinta fora desta cidade”.

O ratinho todo aflito entrou logo e outra porta dizia:

“Entrada do teatro ao pé da quinta”

James abriu a porta e já estava dentro do teatro onde se tinha passado a grande estreia do filme dele e da sua irmã, mas passadas aquelas horas todas a estreia já tinha acabado e o pobre do ratinho ficou muito triste.

Foi andando até sua casa e lá estava toda a sua família preocupada com ele mas, de seguida a Angelina Jolie teve uma ideia.

Ela pensou em fazer uma festa só com a família para festejar o seu sucesso e o regresso do James.

E foi assim que na casa dos ratinhos passou-se uma grande festa muito feliz.

# A PRINCESA BELA

ERA UMA VEZ UMA RATINHA QUE SE CHAMAVA BELA, ELA ERA UMA PRINCESA E MUITO BONITA.

ELA UM DIA CONHECEU UM RATINHO, TAMBEM MUITO BONITO. A PRINCESA BELA GOSTAVA MUITO DELE, ELA DIZIA:

- ELE É TÃO BONITO, MAS NEM SEI O NOME DELE.

FOI ENTÃO QUE UM DIA O RATINHO QUE ELA GOSTAVA FOI FALAR COM ELA:

-OLÁ, EU CHAMO-ME PEDRO.

-OLÁ, EU CHAMO-ME BELA.-RESPONDEU A PRINCESA.

-QUERES SAIR PARA NOS CONHECERMOS MELHOR?-PERGUNTOU O PEDRO.

-HUMM,PODE SER.-PENSOU ELA.

CHEGOU O DIA DO ENCONTRO,A PRINCESA BELA NÃO SABIA O QUE ESCOLHER PARA VESTIR. NO ENTANTO O RATINHO PEDRO SABIA LOGO O QUE ESCOLHER, TINHA-SE PREVENIDO NO DIA ANTERIOR.

CHEGOU A HORA, JÁ OS DOIS ESTAVAM NO RESTAURANTE (POIS A BELA TINHA CHEGADO UM POUCO ATRASADA, NÃO SE DECIDIA). BOM O JANTAR CORREU MUITO BEM. NO FIM O RATINHO PEDRO ATÉ LHE PEDIU EM NAMORO E CLARO A PRINCESA BELA ACEITOU.

PAUZINHOS DE PERLIMPIMPIM E A HISTÓRIA CHEGOU AO FIM.

## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

### A história de Yake (cont.)

Era uma vez, uma família de ratinhos, O seu pai Tom, a sua lindíssima mãe Paula e os seus 6 filhos: o Yake, que era o mais pequeno, o Tomás o mais gordo, o Limaão o mais novo, o Filipe o mais velho, o João o mais magro e o Pedro o mais inteligente.

Faltava um dia para o aniversário de Yake quando os seus pais foram apinhados numa ratoeira e morreram, meia hora depois, Tomás, Limaão, Filipe, João e Pedro foram tentar arranjar comida para a festa, mas a mãe do cominho Pedro calculou:

- Segundo os meus dados as ratoeiras estarão a 5 Km de distância de nós. Mas estava enganado Pedro, seus irmãos estavam a passar numa floresta que lá existia quando o Tomás apercebeu-se que estava preso e pediu socorro:

- "Ajudem-me, vá lá, por favor, por favor."

Infelizmente ninguém ouviu. Quando já tinham passado os 5 Km Pedro achou estranho ainda não ter aparecido nenhuma ratoeira por perto, então Limaão quando foi contar-se estavam todos disse:

- Falta o Tomás! Ai meu deus, esta hora já deve ter morrido numa ratoeira!

Pedro tentou ajudá-lo com a frase no posto:

- Não, não ele não deve ter morrido numa ratoeira, para além disso não vimos nenhuma? Não!

Fazendo mais 2 Km viraram a porta para chegar ao fim, de repente foram todos apinhados numa ratoeira e aperceberam-se que o que disse Limaão era verdade.

Um dia o Senhor rato que se chamava Albertini [Sr. Albertini Paul] de origem francesa foi avisado de uma notícia para ele:

- Boatarde, Yake Rivelinto, quero lhe dizer que seus irmãos morreram de fome.

Depois desse momento Yake passou a viver numa liceira amarelada e velha 2 anos e que até já pensava que ia morrer.

Quando o sol estava a levantar-se passou um senhor engenheiro vindo do trabalho que faz para do ratinho que viu e levou-o para casa,

Um ano depois tornaram-se grandes amigos e Yake teve muitas aventuras que para si nunca se esquecerão: a 1ª aventura foi numa aldeia de noite de chuva e confusão e Yake perdeu-se, a 2ª aventura foi num restaurante que estavam a aprender a cozinhar ratos

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

**Anexo V – Fotografias das sessões**



Os tecidos à disposição dos alunos



## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

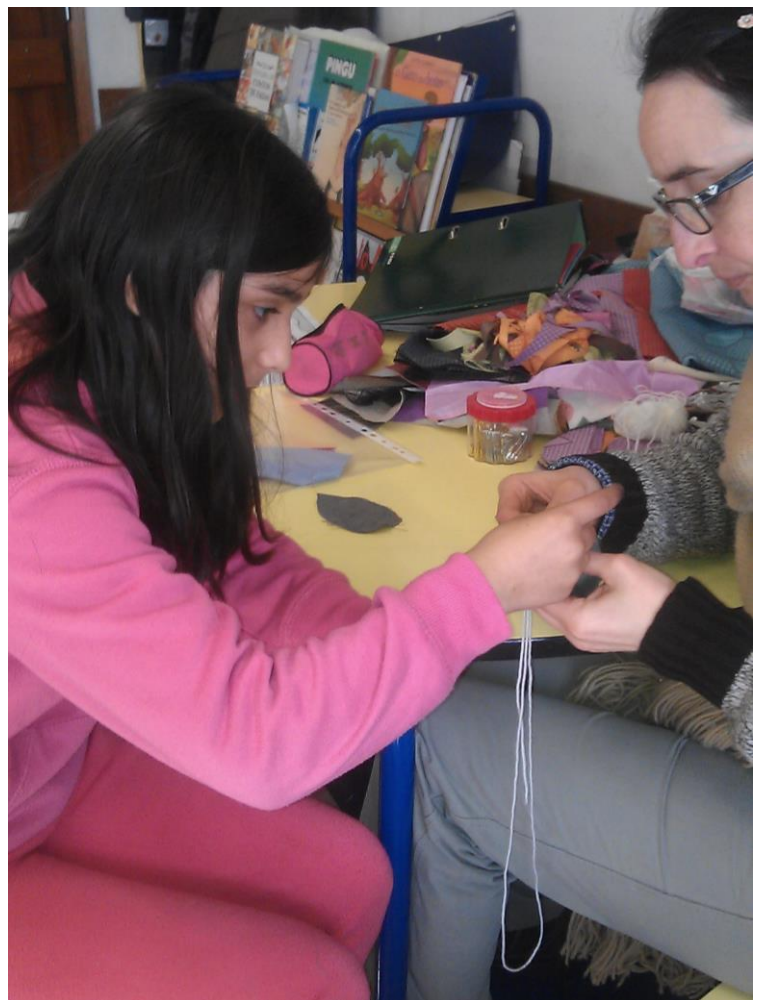
A mesa de trabalho



*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



Os primeiros fios...



*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



As primeiras personagens

As primeiras flores





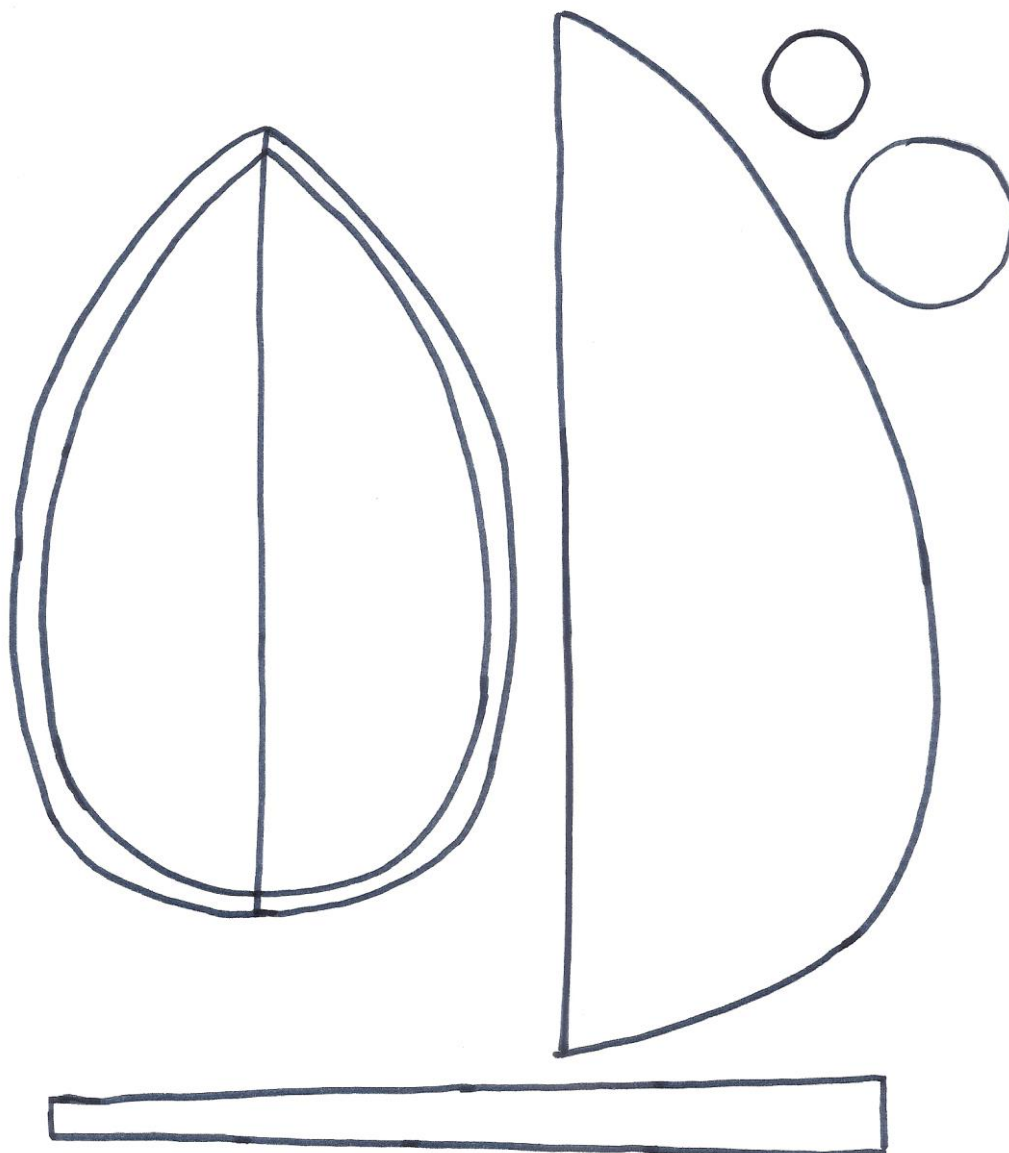
## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...

Os mobiles

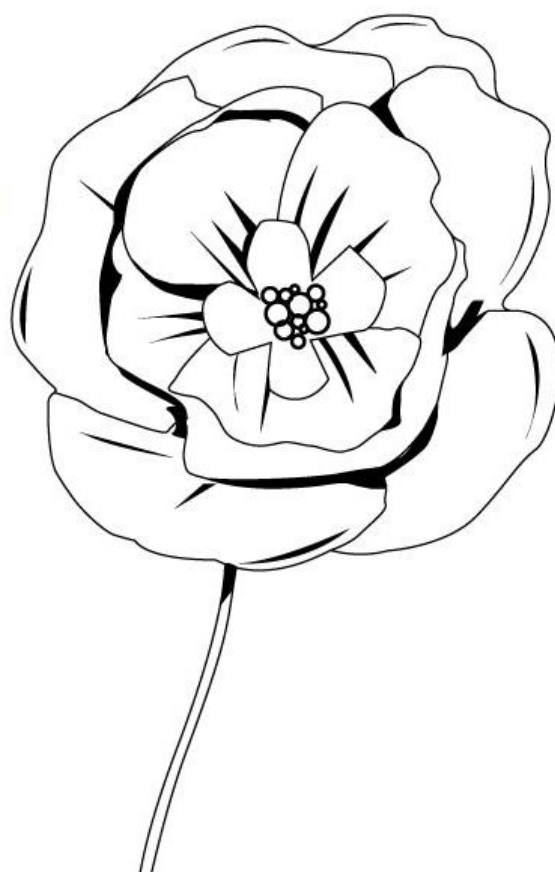
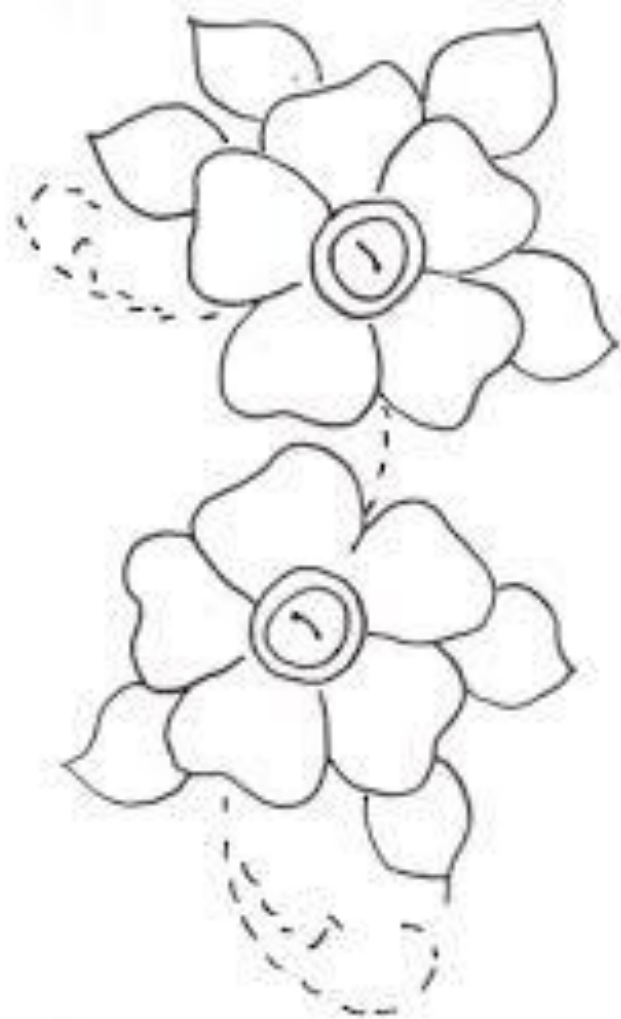


**Anexo W – Moldes**

---



*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



**Anexo X – Planificação da 5ª oficina**

**“Ao encontro de um construtor de palavras”**

**Semana de 23 a 27 de março**

<b>Atividade</b>	<b>Dinamizador</b>	<b>Local</b>	<b>Destinatários</b>
<p><b>Exploração da obra:</b> “Não quero usar óculos”, de Carla Maia de Almeida</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- diálogo introdutório;</li><li>- exploração dos elementos paratextuais do livro;</li><li>- antecipação da obra com base nos elementos paratextuais;</li><li>- leitura e exploração da obra;</li><li>- produção de textos descritivos;</li><li>- construção de óculos com diferentes materiais para exposição coletiva.</li></ul>	<p><b>Professora do 4º ano</b></p>	<p><b>Biblioteca/ Sala de aula</b></p>	<p><b>Alunos do 1º e 2º ano</b></p>
<p><b>Exploração da obra:</b> “O Gato e a Rainha Só”, de Carla Maia de Almeida</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- diálogo introdutório;</li><li>- exploração dos elementos paratextuais do livro;</li><li>- antecipação da obra com base nos elementos paratextuais;</li><li>- leitura e exploração da obra</li><li>- produção de novos desfechos para a história.</li></ul>	<p><b>Professora do 4º ano</b></p>	<p><b>Biblioteca/ Sala de aula</b></p>	<p><b>Alunos do 3º e 4º ano</b></p>

*Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

- <b>Construção de gráfico</b> ilustrativo do número de alunos que usam óculos	Professoras do 1º ano e Educadoras	Salas de Aula	Alunos do Jardim de Infância e 1º ano
- <b>Dramatização do desfecho</b> produzido: <ul style="list-style-type: none"><li>- revisão das regras do texto dramático;</li><li>- seleção de personagens, cenários e adereços;</li><li>- ensaio do desfecho produzido.</li></ul>	Professora do 4º ano	Biblioteca	Alunos do 3º e 4º ano
- <b>Biografia</b> da escritora: <ul style="list-style-type: none"><li>- revisão de conteúdos sobre escrita de biografias;</li><li>- realização de pesquisa na Internet;</li><li>- produção de texto biográfico.</li></ul>	Professora do 3º ano	Sala de aula	Alunos do 3º ano
- Produção de <b>entrevista</b> : <ul style="list-style-type: none"><li>- revisão das regras para planificação de uma entrevista;</li><li>- planificação da entrevista a realizar à escritora.</li></ul>	Professora do 4º ano	Sala de aula	Alunos do 4º ano

## **Anexo Y**

### **5ª oficina: Ao encontro de um construtor de palavras**

Para a dinamização desta última oficina, decidimos promover um encontro de autor. Se toda a nossa pedagogia se baseia na palavra do texto literário, a possibilidade de conhecer um escritor pareceu-nos ser uma experiência bastante prazerosa para os alunos. Alguém que faz da palavra o seu modo de viver. Alguém que, tal como eles, sonha palavras e nos faz devanear com a sonoridade e colorido das mesmas.

Depois de estabelecidos contactos com vários escritores, Carla Maia de Almeida foi quem se mostrou disponível na data que havíamos proposto.

Esta oficina foi pensada e preparada para ser dinamizada ao longo de toda a semana, como forma de preparação do encontro de autor que iria decorrer no final da semana, sexta-feira dia 27 de fevereiro de 2015. Contudo, e porque o nosso contrato laboral não o permitiu, só nos foi possível desenvolver a primeira atividade – exploração da obra “Não quero usar óculos”, de Carla Maia de Almeida. As restantes atividades planificadas foram dinamizadas pelas docentes titulares de turma com os seus respetivos alunos.

#### **Operacionalização:**

Para levar a cabo esta atividade, procedemos, como habitualmente, ao diálogo introdutório e justificativo da mesma. De seguida, mostrámos uma caixa em madeira aos alunos, caixa esta intitulada de “Uma caixa cheia de vista”. Esta seria o dispositivo pedagógico desencadeador de toda a atividade. Dentro dela estavam óculos de vários tamanhos e formas, feitos a partir de diferentes materiais (EVA, papel, palhinhas de plástico, tecido, rede, ...). Distribuíram-se os óculos aos alunos e estabeleceu-se um diálogo no sentido de aferir a funcionalidade de cada um dos óculos e o porquê de existirem tantos e tão diferentes pares de óculos, dando largas à imaginação e criatividade dos

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

alunos, ao mesmo tempo que se incentivava a produção de discurso e o desenvolvimento vocabular.

Terminada esta fase, pedimos aos alunos que produzissem um texto descritivo no qual constassem informações relativas aos óculos que possuíam, quem seria o dono dos óculos, a sua possível funcionalidade. Com os alunos do 1º ano de escolaridade, esta descrição foi feita oralmente, já que o tempo de que dispúnhamos era demasiado curto para que estes alunos, ainda pouco autónomos, produzissem escrita.

Como o tempo destinado à dinamização das sessões parece sempre demasiado curto, e esta teve de ser dada por terminada após a escrita dos textos, os alunos abordaram-nos durante o intervalo para que lhes lêssemos a história. Estavam já bastante curiosos acerca do conteúdo da mesma e ansiosos por conhecer a personagem e as ações que encerrava. Assim, dirigimo-nos para a biblioteca da escola e pedimos aos alunos que convidassem os colegas de turma que se encontravam a brincar a partilhar o momento da narração connosco. Foi um momento bastante emotivo, pois que, sentíamos o interesse dos alunos e o envolvimento dos mesmos nas atividades que íamos desenvolvendo, ao mesmo tempo que sabíamos ser o último. Praticamente todas as crianças das diferentes turmas acorreram à biblioteca e nós procedemos à narração da história. Entoámos a canção para chamar a história, já sem a caixinha de música, que no meio de todo o improviso ficou na sala de aula, e assim todos viram a sua curiosidade saciada, acabando por escolher um ou outro par de óculos em particular e elegendo-os como seus, cada um enunciando como motivos para a escolha a predileção pelo desporto, a cor dos óculos, o material ou a forma que estes tinham.

No final da sessão, colocámos um desafio aos alunos: pedimos-lhes que se fizessem igualmente exploradores de diferentes realidades e produzissem óculos com diferentes materiais, preferencialmente materiais reciclados. O objetivo era que cada par de óculos contasse uma história. O resultado final é aquele que a seguir se mostra.

## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*

### **Anexo Z – Fotografias dos trabalhos produzidos pelos alunos**



Exposição de óculos produzidos pelos alunos com diferentes materiais





## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...



Exposição dos textos descritivos produzidos pelos alunos

## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...



Novo desfecho produzido para a obra  
"O Gato e a Rainha Só"

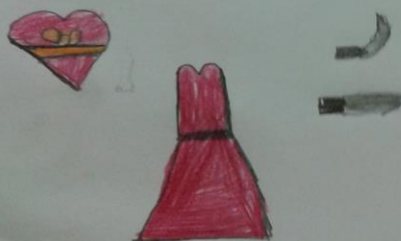
### O gato e a rainha só – final

No natal os primos e o avô foram para casa do gato e da Rainha só comeram bacalhau e no final abriram os presentes. O avô recebeu uma espada, a Rainha recebeu um vestido elegante o gato recebeu uns bombons e uma garrafa de sumo de framboesa e os primos receberam espadas.

Eles decidiram ir todos fazer uma viagem aos montes de ararara e fazer um piquenique lá no topo a rainha só disse:

- Vamos viver para a mesma casa.
- Eu concordo contigo – disse o gato.

Eles foram viver para a casa do gato e da Rainha só e viveram juntos. E passado uma semana os pais da Rainha só aparecerão e viveram felizes para sempre



André Cristiano

## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...



Gráfico ilustrativo do número de crianças que usam óculos na escola



## *Para uma Pedagogia do Deslumbramento...*



Alunos mostram a biografia produzida à autora



Carla Maia de Almeida lê os textos descritivos que os alunos escreveram



Apresentação da dramatização

## Para uma Pedagogia do Deslumbramento...



Dramatização realizada pelos alunos



Os alunos e as obras da autora